



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

PATRÍCIA SIQUEIRA NOGUEIRA

**A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE MEIOS DE HOSPEDAGEM DE AIURUOCA (MG)
E O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO PAPAGAIO**

OURO PRETO

2023

PATRÍCIA SIQUEIRA NOGUEIRA

**A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE MEIOS DE HOSPEDAGEM DE AIURUOCA (MG)
E O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO PAPAGAIO**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharel de Turismo na Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para a obtenção de título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof.: Dr. Bruno Pereira Bedim

Ouro Preto

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N778i Nogueira, Patricia Siqueira.
A interdependência entre os meios de hospedagem de Aiuruoca (MG)
e o Parque Estadual da Serra do Papagaio. [manuscrito] / Patricia
Siqueira Nogueira. - 2023.
81 f.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Bedim.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Parque Estadual da Serra do Papagaio (MG). 2. Turismo. 3.
Aiuruoca (MG). I. Bedim, Bruno. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III.
Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Patrícia Siqueira Nogueira

A interdependência entre os meios de hospedagem de Aiuruoca (MG) e o Parque Estadual da Serra do Papagaio

Monografia apresentada ao Curso de Turismo a Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Aprovada em 25 de agosto de 2023.

Membros da banca

Dr. Bruno Pereira Bedim - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Suzana Fernandes de Paula (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Solano de Souza Braga (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dr. Bruno Pereira Bedim, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/12/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Pereira Bedim, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/12/2023, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0641611** e o código CRC **9B735E49**.

Dedico aos meus familiares e amigos que sonharam a realização desse sonho comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que me apoiaram e aguardaram cheios de esperança a concretização deste sonho. A minha irmã por sempre ser meu suporte e acreditar em mim. Ao Ryan, por não medir esforços para me levar aos locais de pesquisa. As minhas amigas do curso Anne, Lívia, Mel, Maíra e Carol pelas várias contribuições em trabalhos e aos momentos de risadas, deixando a jornada mais leve. A minha República MMs que durante esses anos foi meu lar, onde pude aprender e crescer todos os dias. A Completur Jr. e amigos que fiz nela, Rute, Bárbara, Yasmine e Rodrigo que aos trancos e barrancos procuramos desenvolver e vivenciamos uma experiência única, o Movimento Empresário Júnior – MEJ.

Ao ensino de qualidade que a Universidade Pública oferece e professores que ao longo desses anos contribuíram com conhecimentos críticos e ensinamentos, além do apoio e compreensão que possuem com seus discentes, criando um ambiente livre para cometer erros e aprender com eles.

Agradeço muito às pessoas que contribuíram voluntariamente participando das entrevistas. Agradeço infinitamente a Dr. Kerley dos Santos Alves e ao Dr. Bruno Pereira Bedim que me auxiliaram muito na realização deste trabalho.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar a relação dos meios de hospedagem de Aiuruoca (MG) com o turismo, mais especificamente entre o Parque Estadual da Serra do Papagaio – PESP – e empreendedores do entorno da U.C. Para concluir esse objetivo, a pesquisa utilizou-se do método qualitativo, criando seus próprios dados empíricos primários, onde foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas com quatro voluntários, sendo três destes proprietários de meios de hospedagem no entorno do Parque Estadual da Serra do Papagaio e o Secretário Municipal do Turismo de Aiuruoca. Foi necessário o uso da análise SWOT para discutir a gestão do PESP em relação à sua visitação pública. Conclui-se, com base nas respostas, que esses atores sociais entendem que o turismo é benéfico para o município, e consideram importante a existência do Parque para fins de preservação e como atrativo também, mas ainda é necessário otimizar a relação entre os gestores da U.C e a população do município como um todo, para que haja o aprimoramento das informações turísticas e melhorias na sua infraestrutura.

Palavras-chave: Turismo, Aiuruoca-MG, Parque Estadual da Serra do Papagaio.

ABSTRACT

The overall objective of this work is to analyze the relationship between lodging facilities in Aiuruoca and tourism, specifically focusing on the State Park of Serra do Papagaio – PESP, and the entrepreneurs in the surrounding area of this protected area. To achieve this objective, the research employed a qualitative method, generating its own primary empirical data. This involved conducting semi-structured oral interviews with four volunteers, three of whom are owners of lodging facilities near the State Park of Serra do Papagaio, and the Municipal Secretary of Tourism of Aiuruoca. The SWOT analysis was used to discuss the management of the State Park in relation to its public visitation. Based on the responses, it is concluded that these social actors understand that tourism is beneficial for the municipality and consider the existence of the Park important for preservation and attraction purposes. However, there is still a need for a better relationship between the managers of the protected area and the local population as a whole to enhance information dissemination and improve infrastructure.

Keywords: Tourism, Aiuruoca-MG, State Park of Serra do Papagaio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Unidades de conservação Estaduais	25
Figura 2: Localização do Parque Estadual Serra do Papagaio	28
Figura 3: Hipsometria do Parque Estadual da Serra do Papagaio	29
Figura 4: Principais formações vegetais do Parque Estadual da Serra do Papagaio.	31
Figura 5: Pico do Papagaio	32
Figura 6: Trilha para o Pico do Papagaio	33
Figura 7: Região do Retiro dos Pedros	33
Figura 8: Pedra Quadrada.....	33
Figura 9: Placas informativas dentro do PESP.....	33
Figura 10: Mapa ilustrativo de Aiuruoca	36
Figura 11: Antiga Estação Ferroviária “Angahy”	38
Figura 12: Museu Municipal Dr. Júlio Arantes Sanderson de Queiroz	38
Figura 13: Casarão do Matutu.....	38
Figura 14: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	38
Figura 15: Cachoeira do Bananal.....	40
Figura 16: Cachoeira dos Garcias.....	40
Figura 17: Poço Joaquim Bernardo.....	40
Figura 18: Cachoeira Deus me Livre.....	40
Figura 19: Imóveis Listados no Booking.....	41
Figura 20: Imóveis listados no Airbnb	42
Figura 21: Imóveis para locação no Airbnb em torno do Matutu e Pedra.....	43
Figura 22: Quantidade de imóveis no Airbnb na região dos Garcias	43
Figura 23: Porcentagem da distribuição dos serviços turísticos em Aiuruoca no ano de 2020.	44
Figura 24: Print da página inicial do Guia de Serviços de Aiuruoca	45
Figura 25: Meios de hospedagem listados no site do Cadastur em Aiuruoca.....	46
Figura 26: Sumário do “Protocolo de Biossegurança Para o Segmento Hoteleiro do Município de Aiuruoca/MG.”	47
Figura 27: Quilometragem de estrada não pavimentada até a Pousada Canto das Bromélias.	48
Figura 28: Quilometragem de estrada não pavimentada até a Pousada Canto das Bromélias.	49
Figura 29: Vista para o Pico do Papagaio no deck onde é servido o café da manhã.	50
Figura 30: Distância do camping e o centro de Aiuruoca.	51

Figura 31: Localização do camping em relação ao Parque Estadual da Serra do Papagaio	51
Figura 32: Foto do camping.....	52
Figura 33: Vista do caminho de acesso ao camping	52
Figura 34: Uma das áreas do camping	53
Figura 35: Vista para o Pico do camping.....	53
Figura 36: Imagem externa da microcasa	54
Figura 37: Interior da Casa verde.....	54
Figura 38: Interior da Casa Verde	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Entrevistados	55
--------------------------------------	----

LISTA DOS TERMOS DE CONSENTIMENTOS

Termo de Consentimento 1: Denildo Tadeu dos Santos – Proprietário da pousada Canto das Bromélias	80
Termo de Consentimento 2: Gilberto Furriel - Secretário de Desenvolvimento Econômico, Social, Ambiental e Turismo.	81

LISTA DE SIGLAS

AMA - Associação de Moradores e Amigos do Matutu

APA – Área de Proteção Ambiental

apud – citado por

et al. – e outros

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IEF - Instituto Estadual de Florestas

MG - Minas Gerais

PESP - Parque Estadual da Serra do Papagaio

UC - Unidade de Conservação da Natureza

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. Justificativa da Pesquisa.....	15
1.2. Aspectos Metodológicos.....	16
2. CAPÍTULO 1 - TURISMO, CAPITALISMO E NATUREZA	19
2.1. O Parque Estadual da Serra do Papagaio.....	28
2.2. Contextualização de um dos municípios integrantes do Parque Estadual da Serra do Papagaio: Aiuruoca.....	34
2.3. Análise Dos Meios de Hospedagem de Aiuruoca	41
3. CAPÍTULO 2 - A INTERDEPENDÊNCIA DE MEIOS DE HOSPEDAGEM E O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO PAPAGAIO	48
3.1. Os Empreendimentos Pesquisados	48
3.2. A Percepção Dos Empresários Com O Parque Estadual da Serra do Papagaio	54
3.3. Análise geral da gestão do Parque Estadual da Serra do Papagaio	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75
APÊNDICE.....	77

1. INTRODUÇÃO

O turismo é um fenômeno social abrangente e diverso, possuindo relações com o ser social, impactando economias, e também é uma atividade transformadora. (MACHADO; ALVES, 2006) Atividades e costumes tradicionais podem tornar-se um atrativo turístico, assim como lugares naturais ou monumentos construídos.

Com a criação de Parques e reservas, observa-se o aumento da atividade turística no entorno dessas Unidades de Conservação (UC's). E, como consequência, conforme aponta Bedim (2012), há uma tendência à funcionalização destes espaços próximos às principais vias de acesso aos parques, resultando no uso de seu entorno para estabelecer pousadas, restaurantes e outros meios que o turista usufrui.

O foco da nossa pesquisa se dará no entorno do Parque Estadual da Serra do Papagaio, em Aiuruoca. De acordo com Rodrigues (2009, p. 46) contextualiza que “[...] a palavra *“parc”*, originalmente em francês e inglês arcaicos, designava uma área cercada, ocupada por animais de caça, protegidos por ordem ou concessão do rei”. O autor ainda reforça que esses espaços eram usados especificamente pelas classes dominantes e que

O modelo de parques abertos ao público e com características especiais de proteção, inclusive a proibição da presença de moradores, surgiu nos Estados Unidos, no século XIX. Em 1832, o termo parque nacional foi definido pelo artista e explorador norte-americano George Catlin como "um parque da nação, contendo homens e animais, todos na selvageria e frescor de sua beleza natural (DAVENPORT & RAO, 2002, p. 54 **apud** Rodrigues, 2009, p. 46)

Portanto, seja para moradores do local, seja para visitantes, os parques com o tempo foram se tornando locais para diversão, lazer, um local de descanso na qual poderíamos estabelecer o contato com a natureza em meio a vida agitada e turbulenta da cidade grande.

Dado que as relações sociais se baseiam no modo de produção vigente, o capitalismo e sua maneira de permear a sociedade, impacta junto com esses novos (ou já estabelecidos anteriormente) locais turísticos de diversas maneiras e podendo cada local ter sua peculiaridade quanto a esses impactos.

De modo geral, ao se estabelecer o turismo nota-se positivamente o fomento da economia, a valorização da cultura local, a geração de novos empregos, dentre outros. Porém também podemos perceber negativamente o aumento do fluxo de transportes e pessoas, a especulação imobiliária o que pode impossibilitar aos autóctones a compra, o turismo “imposto”, que não conta com o apoio e sugestões da comunidade, impactos ambientais como ruídos, poluição e desgastes do solo e mais.

1.1. Justificativa da Pesquisa

A pesquisadora nasceu e cresceu na cidade de Aiuruoca, e ouvia de seus pais e familiares que as coisas eram mais caras por ser uma cidade turística, apresentando como negativo essa questão. Posteriormente ao ano de 2018, viu-se crescer a quantidade de infraestrutura para o turista, principalmente meios de hospedagem em zona rural.

O turismo em Aiuruoca se concentra no ecoturismo ou turismo de natureza, tendo a maior parte dos meios de hospedagem nas zonas rurais, em especial nos caminhos que dão acesso ao Parque Estadual da Serra do Papagaio. Os bairros que estão no entorno do parque são Cangalha, Matutu, Pedra e a Serra dos Garcias; principalmente nestes houve um aumento significativo de turistas e conseqüentemente o aumento da oferta turística. Assim, justifica-se esta pesquisa na necessidade de compreender a relação existente entre os meios de hospedagens e o Parque Estadual da Serra do Papagaio.

Ao ser criado um Parque, independentemente de sua instância (Nacional, Estadual ou Municipal), há impactos diretos e indiretos causados na população autóctone. Desde aqueles que moravam nos limites do parque até os que estão nos limites do município podem ser impactados e conseguem perceber as novas atividades que passam a ser estabelecidas no local, como as atividades turísticas. Ao notar o turista, alguns enxergam uma nova oportunidade para aumentar sua fonte de renda e criam meios de hospedagem ou meios de alimentação e transporte, prestação de serviços diversos, etc. Portanto, qual a relação entre o Parque Estadual da Serra do Papagaio e os meios de hospedagem de Aiuruoca?

Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar a relação de alguns moradores de Aiuruoca com o turismo, mais especificamente entre o Parque Estadual da Serra do Papagaio e empreendedores proprietários dos meios de hospedagem ao seu redor. Como ressaltado por Alves (2013) “a percepção dos moradores sobre o turismo é necessária para compreender como eles veem a atividade e como estão inseridos na mesma, bem como expressam opiniões sobre a atividade turística, os seus impactos e consequências. (ALVES, 2013 **apud** CRUZ, 2022, p. 14).

Tem-se como objetivos específicos:

- Compreender como o Parque Estadual da Serra do Papagaio impacta a vida dos proprietários de meios de hospedagem;
- Analisar se o parque é benéfico na visão destes atores sociais;
- Entender quais foram as dificuldades enfrentadas no período de pandemia por esses proprietários.

1.2. Aspectos Metodológicos

Para que os objetivos fossem atingidos, foram realizadas técnicas e procedimentos diversos. Esta pesquisa possui caráter exploratório (SELLTIZ et al., 1965), dividida em dois momentos: no primeiro utilizam-se fontes secundárias, como referências bibliográficas em livros, artigos, ensaios e monografias, e posteriormente fontes primárias, na qual serão os entrevistados.

Para o desenvolvimento do referencial teórico, os autores Netto e Braz (2006) e Ouriques (2005) foram de suma importância por retratar o capitalismo, sendo mais introdutório. Já Martoni (2019), Bedim (2007), Perdigão (2019) se fazem necessários para a compreensão do fenômeno turístico, recursos naturais e a sua relação com o capitalismo. Ainda foi necessário o apoio do Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Papagaio (2009), Plano de Desenvolvimento Turístico de Aiuruoca (2014), Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo (2016), consultas no site da Prefeitura Municipal de Aiuruoca entre outras fontes.

Quanto à sua natureza, a pesquisa de campo possui caráter qualitativo, uma vez que:

[...] ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc.) (TRIVIÑOS, 1987, p.132 **apud** OLIVEIRA, 2011, p. 24).

Cabe ressaltar a escassez de estudos sobre o turismo no Parque Estadual da Serra do Papagaio e em Aiuruoca, o que levou ao desafio de a pesquisadora produzir os dados empíricos primários desta monografia.

A pesquisa é baseada, ainda, num estudo de caso, onde buscamos sujeitos sociais específicos, que possuem contato com o Parque Estadual da Serra do Papagaio, sendo, portanto, empreendedores e moradores no entorno do Parque.

Outra técnica utilizada para coletar os dados foi a história oral (BEDIM; PAULA, 2007), com a amostragem estratégica ou intencional: "Trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas representam em relação a um determinado assunto" (THIOLLENT, 2003, p.62 **apud** BEDIM; PAULA, p. 69, 2007). Ainda utilizou-se da entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987 **apud** OLIVEIRA, 2011), para que a conversa e a coleta de dados fossem norteados de acordo com os objetivos a serem cumpridos. Para isso, foram entrevistadas 4 (quatro) pessoas na cidade de Aiuruoca, categorizados da seguinte forma: um empresário dono de pousada, um proprietário de camping, uma proprietária que aluga o imóvel no Airbnb e um responsável pela gestão pública do turismo no município de Aiuruoca.

Para este tipo de pesquisa, "Vale ressaltar que os relatos orais são versões, olhares sobre fatos ou processos, verdades temporárias do ponto de vista dos envolvidos" (NEVES, 2000) na qual, estas serão as "verdades" a serem problematizadas no trabalho.

O primeiro entrevistado foi "Dadá" (apelido como ele é conhecido em Aiuruoca) proprietário da pousada Canto das Bromélias, situada no entorno do Parque Estadual da Serra do Papagaio - PESP. A entrevista foi realizada no dia 29 de julho de 2023 - sábado, em sua pousada mesmo. O segundo Odilon, proprietário do camping, foi entrevistado dia 05 de agosto de 2023, em sua propriedade. A terceira na qual foi criado um nome fictício de Entrevistada 3, pois a entrevista foi feita online e não foi assinado o Termo de Consentimento posteriormente. A proprietária do Airbnb foi entrevistada no dia 08 de agosto de 2023. O quarto e

último entrevistado foi Gilberto Furriel, Secretário de Turismo em Aiuruoca, entrevistado em seu local de trabalho, no dia 10 de agosto de 2023. As perguntas estão realizadas estão no apêndice desta monografia. (Apêndice 1 e 2)

Após a coleta de dados, estes foram analisados pela análise SWOT, que descreve as forças e fraquezas, que são fatores internos e as oportunidades e ameaças que são fatores externos do Parque Estadual da Serra do Papagaio.

No primeiro capítulo é demonstrado a relação do capitalismo, turismo e natureza, onde é retratado como o modo de produção capitalista surgiu e quais os seus impactos, demonstrando como todas as relações passam a ser comercializadas perante este modo de produção dominante. Diante aos avanços tecnológicos capitalistas e sua grande devastação na natureza, fez se necessário a criação de espaços preservados para que ali não houvesse a devastação e conseguisse preservar o meio ambiente, porém, o capitalismo está em todas as esferas sociais e apesar de não haver devastação total da natureza, o seu entorno e as Unidades de Conservação passam com o turismo a serem mercantilizadas.

Como exemplo de Unidade de Conservação abordamos o Parque Estadual da Serra do Papagaio e uma de suas cidades compositoras, Aiuruoca. No segundo capítulo são apresentados os estabelecimentos que estão no entorno do Parque e quais são as considerações de seus proprietários sobre o Parque Estadual da Serra do Papagaio e o turismo em Aiuruoca, e o secretário de turismo municipal, sendo feita a análise com base em suas respostas. Vale ressaltar que o resultado obtido na pesquisa, não reflete de modo genérico os moradores e empreendedores totais de Aiuruoca mas sim uma parcela da sociedade, na qual é foi escolhido como amostra quatro pessoas. No quarto e último tópico, encontra-se a conclusão.

2. CAPÍTULO 1 - TURISMO, CAPITALISMO E NATUREZA

Os deslocamentos humanos perpassam a questão temporal; transitar e movimentar-se no espaço é algo inerente a diferentes sociedades humanas. Anteriormente para procurar comida e meios de sobrevivência, posteriormente motivados pelos eventos (como olimpíadas) (BEDIM, 2007). Já no período que antecede à revolução industrial, em torno de 1700 a viagem era estimulada pelo comércio, onde europeus deixavam a Europa e iam para China e Índia atrás das especiarias. Atualmente, o turismo se caracteriza como um complexo fenômeno social atrelado ao uso do tempo de não-trabalho nas sociedades capitalistas contemporâneas (Idem).

Como o turismo é um fenômeno social Inter multidisciplinar, possui relações com diversas áreas em nossa sociedade, sendo passível falar em vários segmentos do turismo, como por exemplo, turismo de aventura, turismo de negócios, turismo cultural, turismo náutico, turismo de experiência, ecoturismo e mais recentemente, turismo espacial e ainda assim possuir outros segmentos. Destaca-se ainda que, sendo o Brasil um país com dimensões territoriais continentais, ele “é detentor de uma grande diversidade de paisagens e culturas, possibilitando o desenvolvimento de uma gama variada de segmentos turísticos.” (BENTO; RODRIGUES, 2013) Como destaca Moesch (2002, p. 9):

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

O turismo ainda é capaz de estabelecer trocas mútuas, o que altera tanto o ser que faz turismo, quanto quem o recebe, ampliando o conhecimento sobre a diversidade cultural existente no planeta. Além disso, atualmente, fazer turismo é uma atividade que possui um status na sociedade, onde transmite um olhar de intelectualidade. Uma pesquisa realizada recentemente pela TVRL LAB¹ demonstra que, do ponto de vista econômico, o turismo é um setor prioritário, deixando para

¹ Disponível em: [Home - \(trvl.com.br\)](http://trvl.com.br) Acesso em: 26 de jul. de 2023

segundo plano a compra de casas, carros e outros bens materiais. Os dados demonstram que 29% dos entrevistados concordam totalmente que viajar é uma prioridade contra 2,9% que discordam totalmente da afirmação. E 23% concordam totalmente com a afirmação “prefiro gastar com viagens do que com bens materiais”, contra 3% que discordam totalmente, sendo assim, os dados realçam que o turismo se torna cada vez mais uma tendência (Idem). Moesch (2002) destaca que

Neste final de milênio *fazer turismo*, tanto para quem o produz como por quem o consome, é uma forma de apropriação de poder. Consumir o outro, o diferente, o exótico, o distante, supostamente gera experiências prazerosas. Experiências possibilitadoras da quebra de rotina, relativizando a massividade imposta ao consumo cotidiano. (MOESCH, 2002, p. 15)

Portanto, cada vez mais países e cidades procuram meios de atrair mais turistas e conseqüentemente aumentar a renda que entra nos territórios, conquistando pessoas que procuram ganhos ou uma renda extra. Ainda é importante ressaltar que não só os serviços turísticos são usados pelo turista, como pousadas, restaurantes e atrativos, mas também toda a infraestrutura de um determinado país/localidade, pois para que ele se efetive são necessários os meios de transportes, os hospitais, saneamento básico, segurança e entre outras necessidades, o que pode gerar um desenvolvimento na economia local.

Levando em consideração a sociedade atualmente (2023) na qual a maior parte dos países adotam o modo de produção capitalista como meio de gerir suas relações socioeconômicas, torna-se importante uma apresentação sucinta, para se ter uma melhor compreensão ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Os autores Netto e Braz (2008) relatam o surgimento do modo de produção capitalista com a evolução do modo mercantil simples, formado pelos comerciantes que passaram a buscar suas mercadorias em outros países e posteriormente vendê-las em suas localidades por um valor menor do que o adquirido, assim advém o lucro. Simplificando a lógica, ela é representada na expressão: “D → M → D+ (Dinheiro → Mercadoria → Dinheiro acrescido)”. (NETTO; BRAZ, 2008, p. 82) Porém, a expressão do capitalismo é retratada por: “D → M → D’ (Dinheiro → Mercadoria → Dinheiro acrescido)” (NETTO; BRAZ, 2008, p. 84) em que o “D’ embolsado pelo capitalista provém de um **acrécimo de valor** gerado, na produção,

pela intervenção da força de trabalho; D+ é dinheiro + lucro; D', de onde sai o lucro do capitalista, é dinheiro + **mais-valia**." (Idem) (Grifos dos autores)

A mais-valia é um dos pontos mais importantes do capitalismo, porque é dali que provém seus ganhos. Netto e Braz (2006, p. 73) mostram que

o trabalhador produz o valor correspondente àquele que cobre a sua reprodução – é a esse valor que equivale o salário que recebe; tal parte da jornada denomina-se **tempo de trabalho necessário**. Na outra parte, ele produz o valor excedente (mais valia) que lhe é extraído pelo capitalista; tal parte denomina-se **tempo de trabalho excedente**. (Grifo dos autores)

Os autores ainda ressaltam que os trabalhadores não sabem diferenciar o trabalho excedente do trabalho necessário, sendo assim, este é um dos meios de enriquecimento e acumulação do modo de produção capitalista.

Outra peculiaridade do capitalismo, são os meios de produção se concentrarem nas mãos de poucos, o que torna uma cadeia produtiva, pois as demais classes, isentas dos meios de produção, torna-se “obrigada” a oferecer o trabalho ao capitalista como abordado por Braverman(1980, p. 54-55)

Em primeiro lugar, os trabalhadores são separados dos meios com os quais a produção é realizada, e só podem ter acesso a eles vendendo sua força de trabalho a outros. Em segundo, os trabalhadores estão livres de restrições legais, tais como servidão ou escravidão, que os impeçam de dispor de sua força de trabalho. Em terceiro, o propósito do emprego do trabalhador torna-se a expansão de uma unidade de capital pertencente ao empregador, que está assim atuando como um capitalista. (BRAVERMAN, 1980, p. 54-55)

Conseqüentemente, estando diante da compra e venda da mão de obra, nos deparamos que “tudo” no capitalismo torna-se mercadoria, Netto e Braz (2008, p. 85) retratam que “[...] quando até a força de trabalho se converte em mercadoria, está posta a possibilidade *de mercantilizar o conjunto de relações sociais*” portanto

[...] as operações de compra e venda não se restringem a objeto e coisas - **tudo** é objeto de compra e venda, de artefatos materiais a cuidados humanos. O modo de produção capitalista *universaliza* a relação mercantil. É nesse sentido que, estruturalmente, ele pode ser caracterizado como o modo de produção de mercadorias. (NETTO; BRAZ, 2008, p. 85) (Grifos dos autores)

Inclusive o turismo torna-se também uma mercadoria. Então, reproduzindo a lógica do capital evidenciamos que “[...] a caracterização de porções do espaço

como 'turísticas' não poderia ter outro significado senão o da inserção de localidades (e de seus atributos) em um sistema que objetiva tratá-las e prepará-las para a comercialização." (MARTONI, 2019, p. 23) É necessário destacar que não é só mercantilizar espaços, mas para o capitalista é necessário também que aquele espaço gere lucros.

Tomemos como exemplo a cidade de Ouro Preto: é uma cidade que atrai uma variedade de público por conta da junção da Universidade Federal, do acervo histórico que possui e a diversidade cultural. Mas as áreas referenciadas como turísticas, se concentram de modo geral, no centro histórico pois possui diversos restaurantes, lojas, atrativos e os casarões que "mercantilizam" este espaço. Ouriques (2005) argumenta que em diversos países e locais procuram manter hábitos antigos, fazendo o resgate do passado, mesmo que há muito tempo já tenham acabado e sejam criados hábitos artificiais para ofertar ao turista a "mercadoria turística", o que também não exclui os espaços naturais. Em suas palavras:

Somente quando as relações capitalistas se instalam é que os rios, as montanhas, as praias e as dunas passam a ser apropriados economicamente pelo turismo. [...]

O mesmo raciocínio pode ser estendido ao que se chama comumente de "patrimônio histórico". Palácios, casas antigas, casarões do passado colonial (as casas-grandes), fortificações militares, igrejas e mesmo presídios e senzalas vão sendo convertidos em locais de visita turística. Aqui, determinadas *formas* do passado são restauradas e reaproveitadas, para servirem a uma nova *função*: entrar nas diferentes modalidades de circuito turístico. (OURIQUES, 2005, p. 61)

E diante dos avanços tecnológicos e industriais no período posterior à Revolução Industrial, onde com auxílio de máquinas a produção era em grande volume, gerando um impacto ambiental devastador quando comparado ao trabalho manual das ferramentas, que se dava de maneira lenta e artesanal. Sendo assim, destaca-se o alto consumo da natureza para inundar o mercado com mercadorias, o que gerou preocupações ambientais na sociedade. Pereira (2009, p. 116 **apud** PERDIGÃO, 2019) demonstra que

A Revolução Industrial surgiu na Inglaterra no séc. XVIII e expandiu-se pelo mundo a partir do séc. XIX. O seu intuito era promover um crescimento econômico e com isso uma melhor qualidade de vida para a população. De fato, a Revolução Industrial trouxe alguns benefícios sociais como o conforto, o aumento da esperança média de vida, a evolução dos meios de

comunicação, transporte e alimentação. Porém, os meios utilizados para proporcionar estes benefícios apresentaram consequências devastadoras, como o consumo excessivo de recursos naturais, a poluição do ar, da água e do solo, além da concentração populacional e dos problemas sociais oriundos dela.

Ainda, sendo o ser humano capaz de transformar o meio para realizar suas necessidades básicas de subsistência, ele ainda cria outras necessidades, como as “necessidades de ordem cultural, como o desejo de viajar, a indústria da moda, o telefone celular, etc.” (BEDIM, 2007, p. 76)

Então estamos sempre inovando e ressignificando espaços e produtos para satisfazer o mercado capitalista e nossas novas necessidades. Como aponta Perdigão (2019),

O aumento corrente do uso desmedido de recursos naturais advém do decréscimo das taxas de utilização de mercadorias no mercado, o qual incentiva nova produção, produção esta que não está preocupada com a concretização de valores de uso, mas, principalmente, de mais-valor, o que acabou por expandir tanto a produção quanto o consumo. (PERDIGÃO, 2019, p. 30-31)

Assim, essa exploração exagerada de recursos naturais, alertou a Organização das Nações Unidas sobre a necessidade de organizar conferências mundiais para que seus efeitos pudessem ser diminuídos. “Nesse momento, repensar a relação entre homem e natureza passou a ser algo crucial, dados os riscos de incidência de ameaças que assolavam o século XX, especialmente nas décadas de 1970 e 1980.” (PERDIGÃO, 2019, 31) Por isso, surge o desejo de preservar a natureza para que os avanços capitalistas e os impactos ambientais fossem diminuídos em determinadas áreas.

Posteriormente no Brasil, em 18 de julho de 2000 cria-se a lei Nº 9.985 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Assim, o SNUC “estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.” (BRASIL, 2000) De acordo com o Art. 4º o SNUC tem como objetivos:

I - contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos no território nacional e nas águas jurisdicionais; II - proteger as espécies ameaçadas de extinção no âmbito regional e nacional; III - contribuir para a preservação e a restauração da diversidade de ecossistemas naturais; IV - promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais; V - promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento; VI - proteger

paisagens naturais e pouco alteradas de notável beleza cênica; VII - proteger as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e cultural; VIII - proteger e recuperar recursos hídricos e edáficos; IX - recuperar ou restaurar ecossistemas degradados; X - proporcionar meios e incentivos para atividades de pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental; XI - valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica; XII - favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico; XIII - proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente. (BRASIL, 2000)

Fica então estabelecido pela lei, diferentes categorias de Unidades de Conservação. Estas se dividiram em dois grupos com especificidades diferentes: O primeiro são as Unidades de Proteção Integral, com o objetivo básico de preservar a natureza e admitindo apenas usos indiretos de seus recursos naturais (com exceção prevista em leis). É composta pela: (I) Estação Ecológica; (II) Reserva Biológica; (III) Parque Nacional; (IV) Monumento Natural e (V) Refúgio de Vida Silvestre.

Quanto às visitas, nas Estações Ecológicas são proibidas a visita pública, exceto para objetivos educacionais ou alguma regulação específica no Plano de Manejo. Assim como nas Reservas Biológicas que também são proibidas as visitas públicas, exceto com objetivo educacional ou estabelecidos em regulamentos. Já os Parques Nacionais permitem a visita pública e esta fica definida pelo Plano de Manejo. Os Monumentos Naturais possuem regulamentos próprios, então depende do seu regulamento, assim como locais de Refúgio de Vida Silvestre.

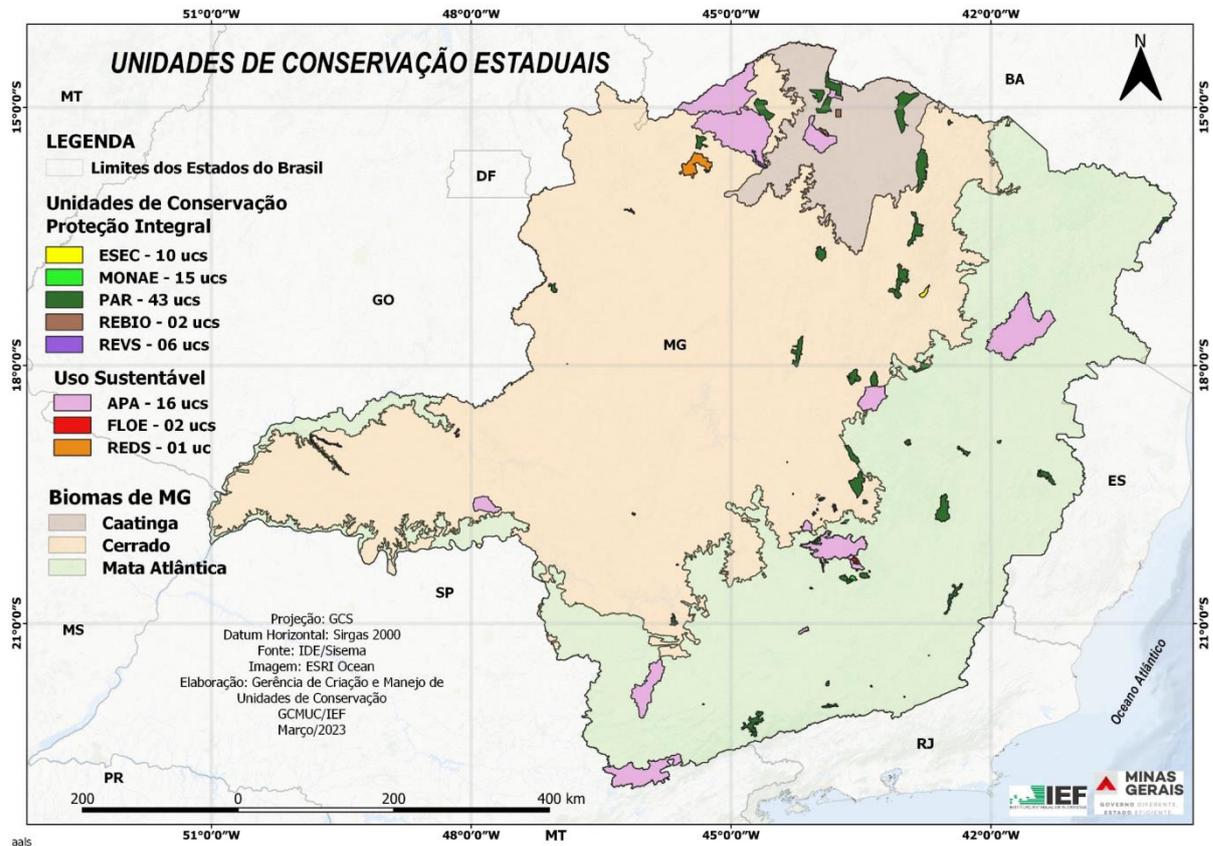
A segunda categoria são as Unidades de Uso Sustentável, que possuem como objetivo básico “compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais”. (BRASIL, 2000) Ela engloba as (I) Área de Proteção Ambiental - APA, (II) Área de Relevante Interesse Ecológico; (III) Floresta Nacional; (IV) Reserva Extrativista; (V) Reserva de Fauna; (VI) - Reserva de Desenvolvimento Sustentável e (VII) Reserva Particular do Patrimônio Natural, sendo que para cada uma das categorias, existem regras específicas, na qual não abordaremos todas em questão, pelo nosso foco se dar em parque.

Segundo a Lei nº 9.985/2000, a função de Parques é definida pelo Art. 11, em que

Art. 11. O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de

atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. (BRASIL, 2000)

Figura 1: Unidades de conservação Estaduais



Fonte: IEF Minas, Google (2023)

No mapa acima (Figura 1), percebemos que em Minas Gerais existem 43 unidades de conservação categorizadas enquanto parques estaduais e, como consequência, a partir da criação de UCs, o local torna-se um atrativo turístico com maior visibilidade, atraindo os olhares de quem visa a deslumbrar a natureza. Então sendo o turismo um fenômeno social indissociável do meio de produção, Bedim (2007) aborda em seu trabalho esta demanda do capitalismo de transformar espaços em mercadorias, não impedindo as áreas naturais de serem “comercializadas”.

Existe, no imaginário ocidental, a ideia de fuga do cotidiano; o turista que se afasta dos centros urbanos indo de encontro com a natureza, com o “paraíso preservado”. Assim, “o turismo em áreas naturais protegidas recolocaria o indivíduo em contato com o paraíso perdido, materializando - e vendendo - a idéia do retorno

às origens humanas”. (BEDIM, 2007, p. 78) Bento e Rodrigues (2019, p. 78) demonstram também que “O aumento da demanda por áreas naturais é reflexo, principalmente, do que Seabra (2003) chama de externalidades urbanas: poluição, correria, estresse etc, aspectos relacionados com a deteriorização da qualidade de vida urbana.” Portanto, para realizar o turismo na natureza, se faz necessário conciliar visitação turística com preserva o do meio ambiente, na qual há a visita o sustentável. Como definido pelo WCED (1987)² apesar de não haver uma delimita o no conceito, entende-se por sustentável o “desenvolvimento capaz de atender às necessidades da gera o atual sem comprometer os recursos para a satisfa o das gera es futuras”, destarte, o turismo sustentável   o turismo realizado de forma sustentável, o que não privatiza as próximas gera es de vivenciar também.

Outro fator que ainda   destacado por Bedim (2007)   a rela o estabelecida entre os atores sociais das localidades que se estabelece nas Unidades de Conserva o.   importante lembrar que, para que se estabeleça uma Unidade de Conserva o, o Estado e moradores podem entrar em conflitos, pois eles possuem interesses divergentes. No primeiro momento, encontramos a necessidade de preservar tal área, devido   sua riqueza natural, protegendo sua fauna e flora. Por outro lado, encontramos os moradores locais, que vivem naquela região e dependem dela para sua sobrevivência, geralmente de onde sai a sua renda. E após a cria o da Unidade de Conserva o, entra ainda o terceiro sujeito, o turista que deseja conhecer, desfrutar da paisagem e passa também a incorporar essa realidade social. Como destacado, “ reas montanhosas historicamente ocupadas por popula es camponesas se tornam, subitamente, vulneráveis a variados fatores de a o antrópica face   mercantiliza o da natureza.” (BEDIM, 2007, p. 83)

Para além, se faz necessário pensar que vários locais turísticos se transformam para conquistar o olhar do turista, criando novos produtos “tradicionais” da região; Bedim e Paula (2007, p. 65) salientam que “O turista   também parte integrante da história dos destinos que visita, reconstruindo-os e transformando-os; o turista   um fator reestruturante das práticas cotidianas; ele agrega novas memórias ao imaginário popular dos lugares.”

² Disponível em: [segmentacao-do-turismo-marcos-conveituais.pdf](#)

As consequências que o modo capitalista produz, na sociedade, tornam-se contraditórias perante os discursos de desenvolvimento local que o turismo pode proporcionar. Porém, ao desapropriar as terras de fazendeiros, e consolidar os limites do Parque Estadual da Serra do Papagaio, acontece a valorização da terra e para o fazendeiro que não vê mais oportunidades econômicas para o setor agrícola ali, acaba vendendo suas terras por um valor alto comparado com o seu ganho e um valor mínimo comparado com os ganhos do comprador - pois na grande maioria das vezes, são empresários de cidades grandes que encontram o paraíso, a calma e faz daquele lugar um empreendimento para atrair turistas. Posteriormente, os espaços turísticos do local estão concentrados nas mãos de forasteiros, e quase nunca um morador conseguirá usufruir daquele espaço, que anteriormente era seu. Bedim (2007, p. 84), explica que:

[..] a lógica de acumulação do "capital turístico" é espacial e socialmente excludente, já que, a princípio, as populações locais raramente detêm capital de giro e mão-de-obra qualificada, além de desconhecem os mecanismos econômicos da "indústria turística". Via de regra, os ganhos econômicos do turismo se concentram nas mãos de grandes investidores intimamente articulados aos mercados de capitais.

No mesmo sentido, Martoni (2019, p. 171) ao relatar sobre a Ilha do Mel afirma que

Apesar de haver restrições impostas pelo Estado em relação ao uso do solo e proibição de venda dos terrenos aos que não são nativos da Ilha do Mel, o termo de posse é negociado e os negócios associados à turistificação acarretaram a valorização da terra e dos imóveis, sendo que **aqueles trabalhadores que venderam suas posses, deixaram a ilha e resolveram voltar em algum momento, somente puderam retornar como empregados com mínimas chances de readquiri-las.** [...] (Grifos nossos)

Assim, Lindberg e Huber (1995 **apud** Bedim, 2007, p. 84) “estimam que menos de 10% dos gastos do turista permanecem nas comunidades dos destinos visitados.” Então será mesmo o turismo, uma atividade que fomenta a economia local?

Vale lembrar que nós, enquanto estudiosos, pesquisadores e atuantes de espaços turistificados almejamos “é que o planejamento da atividade turística promova a melhoria da qualidade de vida da população local, a conservação da

cultura e do meio natural e a satisfação do turista.” (MACHADO; ALVES, 2006, p. 555) e não o oposto disso.

2.1. O Parque Estadual da Serra do Papagaio

O Parque Estadual da Serra do Papagaio está localizado no Sul de Minas Gerais, com abrangência nos municípios de Aiuruoca, Alagoa, Baependi, Itamonte e Pouso Alto (Figura 2). Foi criado em 5 de agosto de 1998, pelo Decreto nº 39.793 e teve sua ampliação segundo a Lei 23.774, de 2021, com área de 25.888 hectares. Quem está na gestão do Parque é o Instituto Estadual de Florestas - IEF.

Figura 2: Localização do Parque Estadual Serra do Papagaio



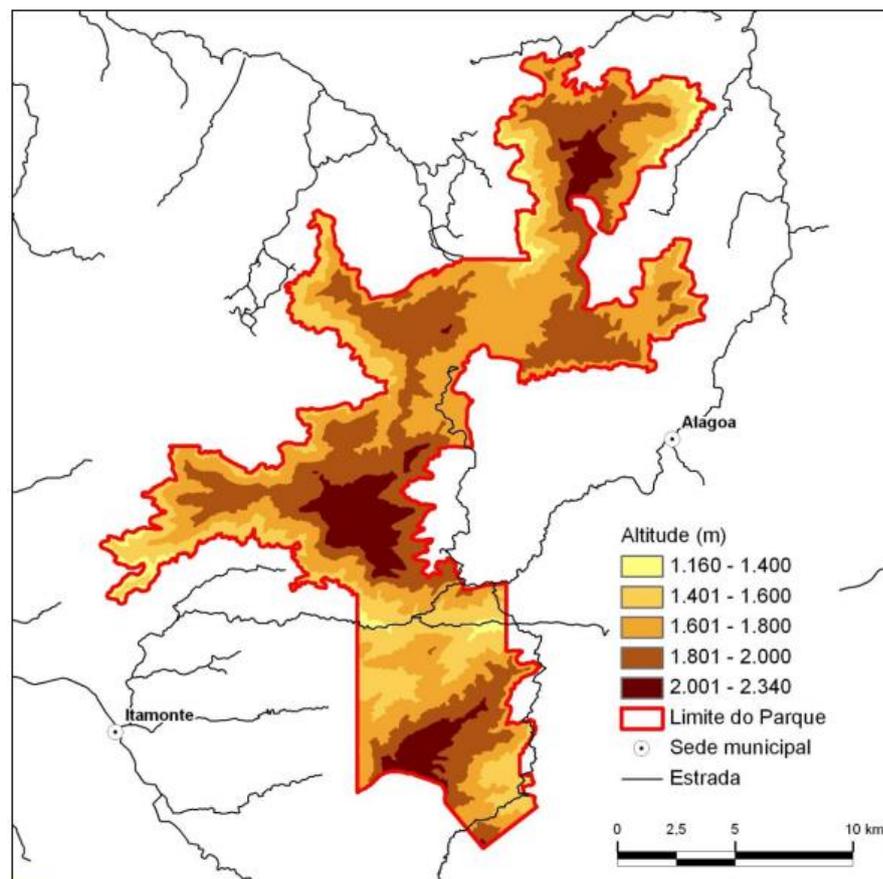
Fonte: Plano de Manejo PESP

Localizado na Serra da Mantiqueira, o parque “integra o Corredor Ecológico da Mantiqueira e a Área de Proteção Ambiental (APA) Serra da Mantiqueira.” (PLANO DE MANEJO PESP, 2009, p. 13) Apesar de ter sido criado apenas em 1998, desde 1990 a área já estava sendo protegida através do Decreto nº 31.368, de 2 de julho de 1990, que criou a Estação Ecológica do Papagaio, sob a jurisdição da Fundação Estadual de Meio Ambiente – FEAM.

Um dos motivos que levou a consolidar a criação do Parque foi “para proteger a floresta de araucária, ecossistema único na porção sul do estado de Minas Gerais, os campos de altitude e a floresta atlântica da região” (PLANO DE MANEJO PESP, 2009, p. 12) Sendo assim “o Parque Estadual da Serra do Papagaio é uma área de extrema importância biológica por abrigar formações mistas de campos, matas e enclaves de matas de araucária (floresta ombrófila mista), sendo a única Unidade de Conservação que protege essa tipologia vegetal no estado de Minas Gerais.” (PLANO DE MANEJO, PESP, 2009, p. 14) O PESP ainda é contíguo ao Parque Nacional do Itatiaia e juntos, preservam a maior quantidade de floresta nativa da Serra da Mantiqueira.

De relevo fortemente acidentado, a altitude média do PESP é de 1.744 metros sendo o ponto mais alto no Pico do Garrafão, a 2.359 metros.(Figura 3)

Figura 3:Hipsometria do Parque Estadual da Serra do Papagaio



Fonte: Plano de Manejo (2009)

Sobre a vegetação existente (Figura 4), de acordo com o Plano de Manejo (2009) “aproximadamente 11.000 hectares do PESP estão cobertos por vegetação florestal, entremeada por extensas áreas cobertas por campos em diferentes estágios de conservação.”

Outra questão levantada no Plano de Manejo é que devido ao uso para pastagens, as ações humanas, em especial o uso do fogo para controle da pastagem natural influencia sua vegetação, impactando as florestas e campos existentes. Há também a presença de uma árvore muito conhecida na região, a candeia (*Eremanthuserythropappus*), anteriormente usada nos fogões de lenha dos moradores, devido ao fogo e carvão que produz.

Essa ação se explica no uso e ocupação do solo em Minas Gerais, na qual pouco se preocupava em preservação e cuidado ambiental, assim também como no mundo. Primeiramente as ações de uso do solo foram movidas pela exploração das jazidas, no século XVII e

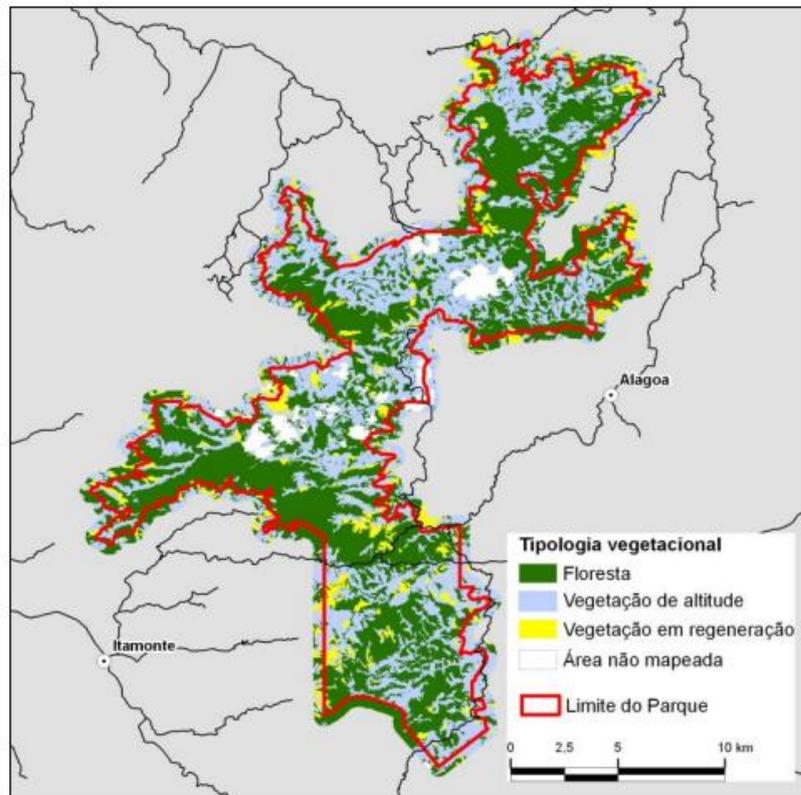
Já no início do século XIX, Saint Hilaire chamava atenção para o desmatamento e para as queimadas que comprometiam a flora e a fauna. Tanto as atividades mineradoras quanto a agropecuária, desenvolvidas sem nenhuma preocupação de preservação, tinham efeitos devastadores. O uso da floresta como energia, através da transformação em carvão ou para o próprio consumo doméstico também foi intenso. (PLANO DE MANEJO, 2009)

Portanto, o uso do solo na região em torno do PESP não ocorreu de forma diferente. Saint Hilaire relata que anteriormente na região os indígenas faziam o uso do solo, tanto para o cultivo de alimentos, manejo do fogo e também usavam a região para a caça. Com a chegada dos bandeirantes e a formação de vilas, dependeu-se um grande uso da madeira, tanto para as construções, como para prover energia. Além disso, houve a devastação de ambientes naturais para o desenvolvimento da agropecuária, aumentando os pastos na região.

Portanto, a maior ocorrência de denúncias que acontecem na área do Parque, são por:

Extração ilegal de madeira (candeias); Desmate e construção de infraestrutura (estradas e imóveis) em áreas de preservação permanente; Turismo desordenado (acesso de veículos e motos a áreas extremamente sensíveis da unidade); Caça e captura de exemplares da fauna da região. (PLANO DE MANEJO, 2009)

Figura 4: Principais formações vegetais do Parque Estadual da Serra do Papagaio.



Fonte: Plano de Manejo PESP (2009)

Na área do PESP são listadas espécies da fauna e flora que são ameaçadas. Como destacado no Plano de Manejo (2009):

[...] foram identificadas 12 espécies lacuna (que não estão protegidas por nenhuma unidade de conservação no estado) entre as 40 espécies de mamíferos ameaçadas de extinção de Minas Gerais (Drummond et al. 2005). Outras 6 espécies foram consideradas parcialmente protegidas, duas das quais – gato-maracajá *Leopardus wiedii* e o tatu-do-rabomole *Cabassoustatouay*, estão presentes no Parque Estadual da Serra do Papagaio. A presença no PESP dessas espécies consideradas parcialmente protegidas, além de 21 espécies presentes na Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (10 espécies de mamíferos, 9 de aves (incluindo as não avistadas mas de ocorrência provável), e 2 plantas) indicam a importância dessa área para a proteção da biodiversidade do Estado.

Considerando as espécies ameaçadas da fauna e da flora de Minas Gerais, o PESP protege um total de 35 espécies (2 anfíbios, 7 aves, 16 plantas e 10 mamíferos). Chama a atenção a ocorrência de quatro espécies de plantas ainda não descritas pela ciência, além de 14 novos registros para Minas Gerais. Esse número deve ampliar, tendo em vista que muitas espécies levantadas nesse estudo ainda não foram identificadas.

Assim, evidenciamos que a área do PESP é de suma importância para a preservação das espécies já conhecidas e para outras ainda não identificadas.

Entre seus principais atrativos estão: Pico do Papagaio, situado em Aiuruoca com 2100m de altitude (Figura 5); Pico do Chorão, situado em Baependi; Entre Itamonte, Alagoa, Baependi e Pouso Alto cita-se o Pico do Santo Agostinho, o ponto mais elevado do parque, com 2.359m de altitude; Pedra Quadrada (Figura 6), Pedra Redonda, Pico do Santuário, Crista do Tamanduá, Alto do Bandeira, Pico do Canjica, Retiro dos Pedros (Figura 7 e 8), o Pico do Careta (Morro do Chapéu), Chapadão, Canjica, Vale das Araucárias e Cachoeira do Charco. Além disso, só pelo fato de estar no local do Parque Estadual é possível se encantar com o “mar de montanhas” de Minas.

Figura 5: Pico do Papagaio



Fonte: Acervo próprio (2023)

Figura 6: Trilha para o Pico do Papagaio



Fonte: Acervo de Carlos Henrique Siqueira.
Guia local (2023)

Figura 7: Região do Retiro dos Pedros



Fonte: Acervo de Carlos Henrique Siqueira.
Guia local (2023)

Figura 8: Pedra Quadrada



Fonte: Carlos Henrique Siqueira. Guia local
(2023)

Figura 9: Placas informativas dentro do PESP



Fonte: Acervo de Carlos Henrique Siqueira.
Guia local (2023)

No mapa de atrativos do Parque é representada a portaria na Fazenda Santa Rita, localizada na cidade de Alagoa. No local há também um centro de pesquisa. Dentro do próprio Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Papagaio são feitas considerações acerca da ausência de portaria, estrutura e pessoas para

receber e guiar os visitantes. No site do parque no IEF³ é orientado fazer as trilhas com um guia local, devido à falta de sinalização dentro do Parque, com riscos de queda e perder-se.

2.2. Contextualização de um dos municípios integrantes do Parque Estadual da Serra do Papagaio: Aiuruoca

Aiuruoca é um município localizado no sul de Minas Gerais, faz parte do Circuito Turístico Terras Altas da Mantiqueira. É limítrofe com as cidades de Cruzília, Seritinga, Serranos, Carvalhos, Baependi, Bocaina de Minas, Minduri e Alagoa. Possui uma área territorial de 649.680 km². Sua região de influência em 2018, era o Arranjo Populacional de Caxambu - Baependi - Centro Subregional B (3B), A região intermediária em 2021 é Pouso Alegre, região imediata em 2021 Caxambu - Baependi, faz parte da Mesorregião em 2021 do Sul/Sudoeste de Minas e pertencia em 2021, a Microrregião de Andrelândia. (IBGE, 2023)

Segundo dados do IBGE (2023) sua população em 2010 era de 6.162 pessoas, e no último censo realizado em 2022 estava com 6.233 pessoas. O que a classifica como a 4^a município mais populoso na Região geográfica imediata, como a 520^a colocada no Estado e 3866^a lugar no País. Sua densidade demográfica em 2022, era 9,59 hab/km².

Em relação a sua economia, seu PIB per capita em 2020 era de R\$18.907,82, o que o classifica em 3^o lugar na região geográfica imediata, em 362^o no Estado, e 2933^o no país. O seu IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) em 2010 era de 0,668. Quanto ao salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 1,8 salários mínimos em 2021, e o pessoal ocupado eram 929 pessoas.

Sua taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era 99,3% em 2010, o que a colocava em 1^a cidade no ranking da região geográfica imediata, 50^a posição no Estado e 346^a cidade no país. (IBGE, 2023). Trata-se de uma cidadezinha de interior bem típica, com poucos habitantes, zona rural extensa e cidadãos com uma conduta mais conservadora, onde a religião é de grande relevância. Em quase todos os bairros da zona rural, possui capelas/igrejas.

³ Disponível em: [Instituto Estadual de Florestas - IEF - Parque Estadual da Serra do Papagaio](#)
Acesso em 03 de agosto de 2023.

Segundo o site Guia e Serviços de Aiuruoca ⁴,

O Município de Aiuruoca foi desbravado em 1692 pelo bandeirante Padre João de Faria Fialho, fundado em 1706 pelo bandeirante João de Siqueira Afonso – natural de Taubaté (SP), um dos temidos desertores das Minas do Ribeirão do Carmo, hoje Mariana (MG), descobridor das minas do Sumidouro, em 1702, de Piranga (MG), em 1704, e fundador da cidade de Tiradentes (MG), em 1705.

A paróquia de Aiuruoca foi criada em 1717, sendo a primeira de todo o Sul de Minas. Aiuruoca foi elevada a Município em 14 de agosto de 1834 e a Sede da Comarca em 20 de julho de 1868. (Arquivo do site guia e serviços de Aiuruoca, acesso em: 2022)

No livro, “Primeiros Descobridores das Minas do Ouro na Capitania de Minas Gerais” eles retratam que: “Assim se denominou um descobrimento, ao sul das minas de São João Del Rei, por alusão a um penedo cheio de orifícios, em que se aninhavam e se reproduziam os papagaios”. (PLANO MUNICIPAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO, 2016 - 2026, p. 4) O referido cume era o Pico do Papagaio, maior símbolo de Aiuruoca, na qual foi o denominador do nome da cidade. “Aiuruoca, de origem tupi, na sua melhor divisão histórica A – Juru – oka que se traduz Ajuru = Papagaio + Oka = Casa de Papagaio” (PLANO MUNICIPAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO, 2016 - 2026, p. 4). Em relação a sua povoação, segundo o Site Prefeitura Municipal de Aiuruoca⁵

O início da povoação deu-se na região norte do Município, no lugar denominado Freguesia Velha, na margem direita do Rio Aiuruoca, hoje, estrada sentido Fazenda 4M, a 1 km abaixo do atual centro. Lá, entre os anos de 1692-1698, ergueu-se a primitiva Capela de Nossa Senhora da Conceição de Aiuruoca e o respectivo Arraial. Naquela porção territorial, foram doadas as primeiras sesmarias, sendo, uma delas, datada do ano de 1700. Estas sesmarias foram as responsáveis pelo florescimento das primeiras fazendas de Aiuruoca, que, com o passar dos séculos, deram origem ao atual perímetro urbano e aos demais bairros da região norte: Ponte Alta, Angai Pequeno, Pinhal, Furnas de Cima, Furnas de Baixo, Coqueiros, Portão, Coivaras, Pedros, etc.

A região sul, surge em início de 1720, ali florescendo o segundo núcleo populacional do Município, a Guapiara – do tupi-guarani “ouro na serra” ou ainda “caminho para a enseada”, através da junção dos termos kûá (“enseada”) e piara (“caminho para”), local para onde afluíram os primeiros garimpeiros, principais povoadores daquela região. Na Guapiara, em 1730, foi erigida a Capela de Santana [...] Os moradores da região sul, foram os responsáveis pela povoação da Cidade de Alagoa [...]

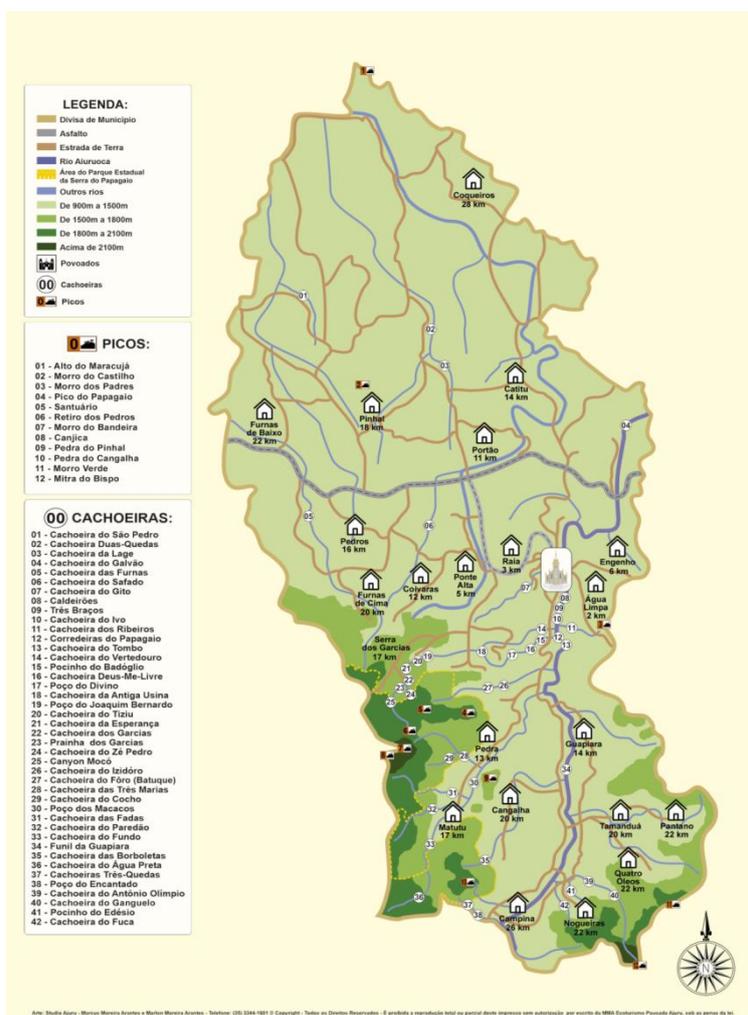
Foi com o passar dos séculos e também com o desmembramento da Fazenda da Guapiara, que surgiram os atuais bairros da Pedra, Matutu, Cangalha, Tamanduá, Nogueiras, Campina etc. (Arquivo do site da Prefeitura Municipal de Aiuruoca. Acesso em: 2023)

⁴ Disponível em: <https://www.guiadeservicosaiuruoca.com.br/a-cidade/>

⁵ Disponível em: https://aiuruoca.mg.gov.br/pagina/17_Nossos-Bairros.html

Sendo assim, Aiuruoca conta atualmente com 20 bairros rurais (Figura 10), que se distribuem ao longo de seu território. O mapa ilustrado delimita a área do Parque Estadual da Serra do Papagaio e ainda demonstra os bairros rurais no seu entorno. Também é notório a relação de cada bairro de acordo com a descrição realizada sobre sua povoação. Onde encontra-se o ícone da igreja, é o centro da cidade. O mapa também enumera os muitos atrativos naturais da cidade, como as cachoeiras, mas várias estão em território privado, o que torna necessário uma consulta prévia para a análise da visitação. Após o declínio do ouro na cidade, muitos garimpeiros aqui permaneceram optando pela pecuária e agricultura. Cultura ainda permanente, perceptível aos vários pastos, fazendas, sítios, roças e animais, principalmente a cria o de gados para corte e leite. Muitos dos habitantes que não possuem fazenda, trabalham como empregados.

Figura 10: Mapa ilustrativo de Aiuruoca



Fonte: Guia de serviços de Aiuruoca (2023)

Um dos primeiros bairros rurais que se destacou como turístico, é o Matutu, em que, de acordo com a monografia de Pomar (2016), era um local utilizado para os foragidos que transportavam ouro clandestinamente nos anos de 1710 e também para escravizados. Dado as condições naturais do local, como ser rodeado de serras e com 1300 metros de altitude, Pomar (2016) retrata que o local do Matutu não era utilizado como moradia. Pela tradução do seu nome indígena — “Matutu quer dizer — Cabeceiras Sagradas”, onde o acesso era difícil com caminho apenas para mulas. Dado as condições naturais do local, como ser rodeado de serras e com 1300 metros de altitude, Pomar (2016) retrata que o local do Matutu não era utilizado como moradia. Pela tradução do seu nome indígena — “Matutu quer dizer — Cabeceiras Sagradas”, onde o acesso era difícil com caminho apenas para mulas.

Estes se refugiavam nas encostas das montanhas, existindo relatos orais até os dias atuais sobre cavernas na região do Rio do Fôro, aos pés do Pico do Papagaio, que seriam pontos de encontro para os —batuques de escravos foragidos, sendo inclusive uma cachoeira desse mesmo rio batizada de —Batuque (POMAR, 2016, p. 22)

Posteriormente, com a chegada e o estabelecimento de Guilherme França⁶ e sua família no vale, em torno nos anos de 1980 é que o bairro passa a ter notoriedade, pois seu idealizador tinha como foco o desenvolvimento do local, com vistas à “sustentabilidade”, sem depender dos bairros arredores para seu sustento. Foi criado também a Reserva do Matutu, uma área que Guilherme adquiriu e compartilhou com quem chegava na comunidade procurando viver nos moldes “*hippies*”. Outro destaque é o encontro de Guilherme com o Santo Daime, o que encantou pessoas que buscavam por um estilo e encontro com o sagrado ainda pouco conhecido. (POMAR, 2016)

O turismo em Aiuruoca é voltado para o turismo de natureza, ecoturismo e turismo de aventura devido às inúmeras cachoeiras e atrativos naturais que possui. Além disso, a cidade possui casarões, patrimônios históricos e patrimônios imateriais tombados, o que também atrai turistas. Assim, de acordo com o Plano de Desenvolvimento Turístico de Aiuruoca de 2013-2014, a cidade soma mais de 50 atrativos turísticos, dentre eles estão 19 atrativos culturais, como a Antiga Estação Ferroviária de “Angahy” (Figura 11), o Museu Municipal Dr. Júlio Arantes Sanderson

⁶ Para mais informações consultar POMAR (2016), onde o autor retrata a partir da história-oral, o povoamento no bairro do Matutu.

de Queiroz (Figura 12), Casarão do Matutu – Sede da Associação de Moradores e Amigos do Matutu -AMA Matutu (Figura 13) e Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Figura 14).

Figura 11:Antiga Estação Ferroviária “Angahy”



Fonte: Segredos de Aiuruoca, Google (2023)

Figura 12: Museu Municipal Dr. Júlio Arantes Sanderson de Queiroz



Fonte: Tour por Minas Gerais, Google (2023)

Figura 13: Casarão do Matutu



Fonte: Conheça Minas, Google (2023)

Figura 14: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Aiuruoca Minas, Google (2023)

Dentre os atrativos, ainda são listados 20 atrativos naturais, como a Cachoeira do Bananal (Figura 15) que é uma das cachoeiras que não estão concentradas ao redor do Parque. Abaixo da queda, tem uma espécie de “prainha”, ideal para passear com crianças, dado ser rasa. A Cachoeira dos Garcias (Figura 16) com queda de 30 metros, é de uma beleza exuberante. Está entre as 30 mais

bonitas de Minas Gerais e sem dúvidas é um dos cartões postais de Aiuruoca. Para a chegada no local da queda, é necessário fazer uma trilha, atualmente com escada, o que facilita um pouco o acesso íngreme do local, mas também do alto é possível observar a cachoeira. Abaixo da queda, possui o poço que permite nado e mergulho. O Poço do Joaquim Bernardo (Figura 17) é um espaço com queda tranquila, e possui um poço com profundidade variada, o que permite ir com crianças e também para mergulhar. No local também existe uma área de campo vasto, permitindo camping. (É válido consultar antes a disponibilidade para camping com os proprietários). Para além, subindo a queda, chega-se a Cachoeira do Tiziu que também permite nado e apreciação da queda d'água. E a Cachoeira Deus me Livre (Figura 18) possui aproximadamente 15 metros de queda, a cachoeira ainda possui um poço, o que permite nadar no local. Existem muitas outras paisagens que são um paraíso para quem deseja aproveitar a natureza. Para obter uma melhor compreensão da localização dos atrativos naturais pode-se consultar o mapa.

Figura 15: Cachoeira do Bananal.



Fonte: Acervo próprio (2023)

Figura 17: Cachoeira dos Garcias.



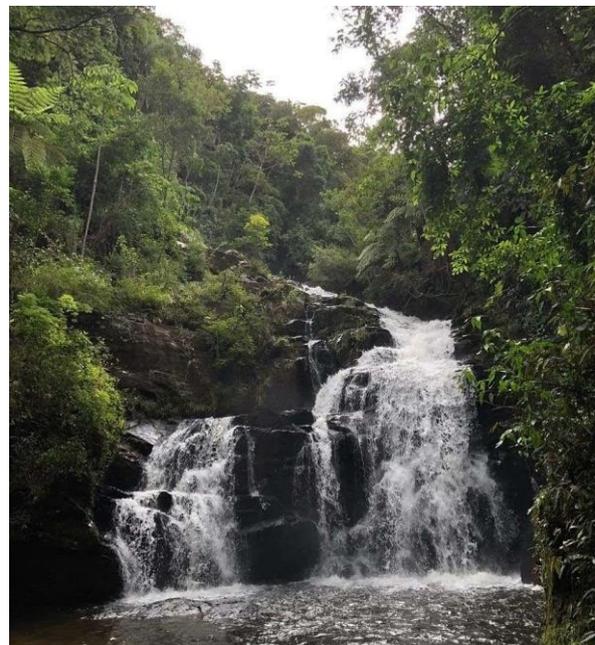
Fonte: Acervo próprio (2018)

Figura 16: Poço Joaquim Bernardo.



Fonte: Acervo próprio (2019)

Figura 18: Cachoeira Deus me Livre



Fonte: Acervo próprio (2019)

2.3. Análise Dos Meios de Hospedagem No Município de Aiuruoca

Ao se fazer uma pesquisa no Booking⁷ são listados 39 acomodações (Figura 19) na cidade de Aiuruoca. Dentre essas opções estão pousadas, chalés, camping e demais meios de hospedagem. Vale ressaltar que este número não reflete o somatório de todas as acomodações no local, pois existem empreendedores que optam por não disponibilizar seu empreendimento nas plataformas digitais.

Figura 19: Imóveis Listados no Booking

The screenshot shows the Booking.com interface for a search in Aiuruoca. The search bar at the top indicates the location 'Aiuruoca', search dates, and occupancy '1 adulto · 0 criança · 1 quarto'. Below the search bar, the results are titled 'Aiuruoca: 39 acomodações encontradas'. A map on the left shows the location. The main content area lists two properties:

- Chalé Candeia no Matutu:** Rated 'Fantástico' (9.3) with 22 reviews. It is located 11.3 km from the center and offers a garden, terrace, and restaurant. A 'Visualizar preços' button is visible.
- Pousada Sítio Vale das Olivas:** Rated 'Excepcional' (9.9) with 49 reviews. It features a 5-star rating icon.

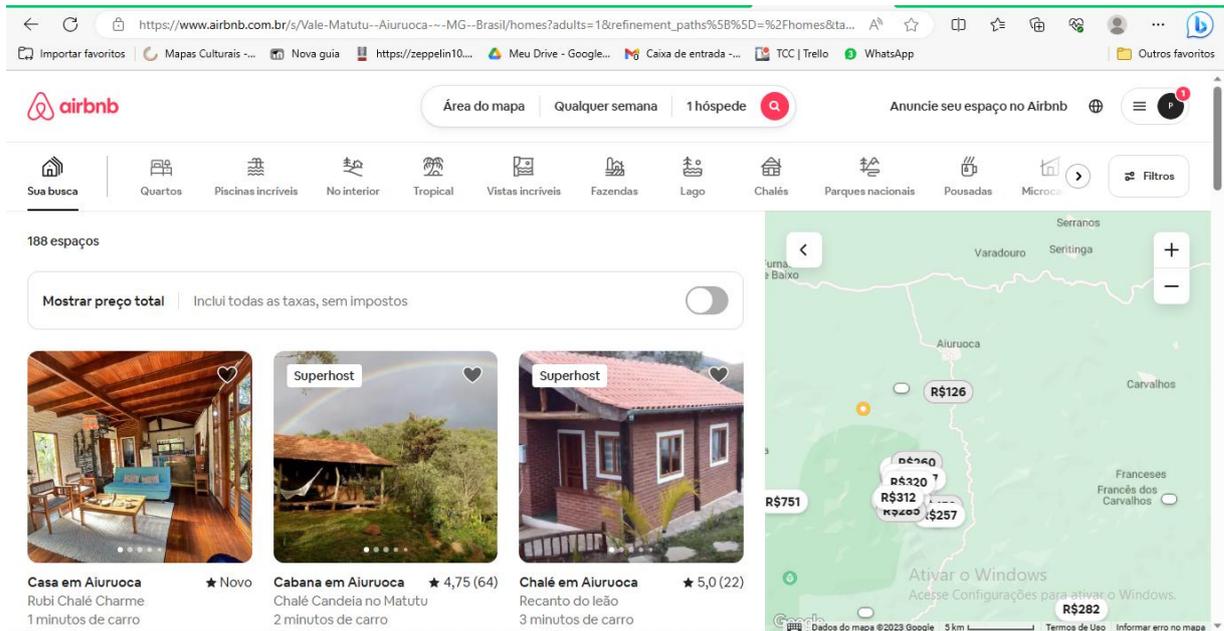
On the left side, there is a 'Filtrar resultados por:' section with 'Filtros mais usados' including Hotel (9), A unidade é totalmente acessível para cadeira de rodas (3), Cofre (2), Albergue (1), and Satisfatório: 6 ou mais (34).

Fonte: Booking.com, 2023

Já no site do Airbnb, estão aproximadamente 180 imóveis (Figura 20) para aluguel de curta temporada em Aiuruoca.

⁷ Disponível em: [Booking.com: Hotéis neste lugar: Aiuruoca. Reserve seu hotel agora mesmo!](https://www.booking.com/hotels/aiuruoca)

Figura 20: Imóveis listados no Airbnb

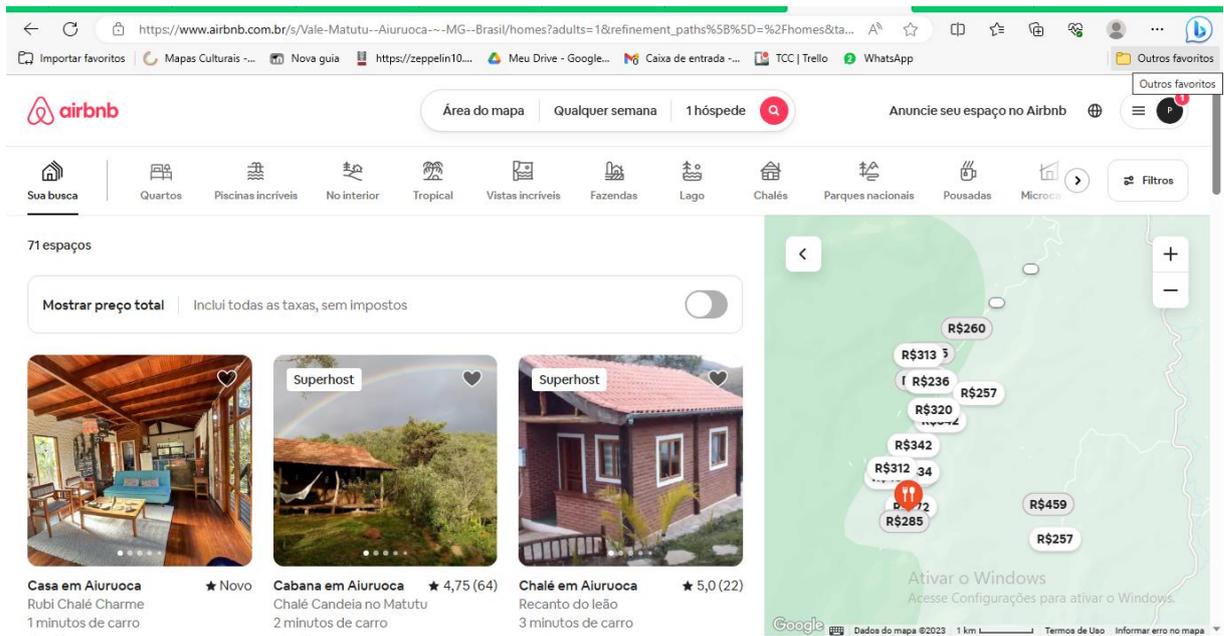


Fonte: Site Airbnb, 2023.

Entre os bairros rurais, destacam-se como destino turístico o Matutu e o Serra Garcias, que possuem aproximadamente de 70 imóveis e 20 imóveis (Figura 21 e 22) para locação de curta temporada no site do Airbnb⁸. É válido ressaltar que a área onde está com verde um pouco mais escuro no mapa, é onde está o Parque Estadual da Serra do Papagaio e que esses números não são exatos, visto que no site do Airbnb as informações gerais são limitadas.

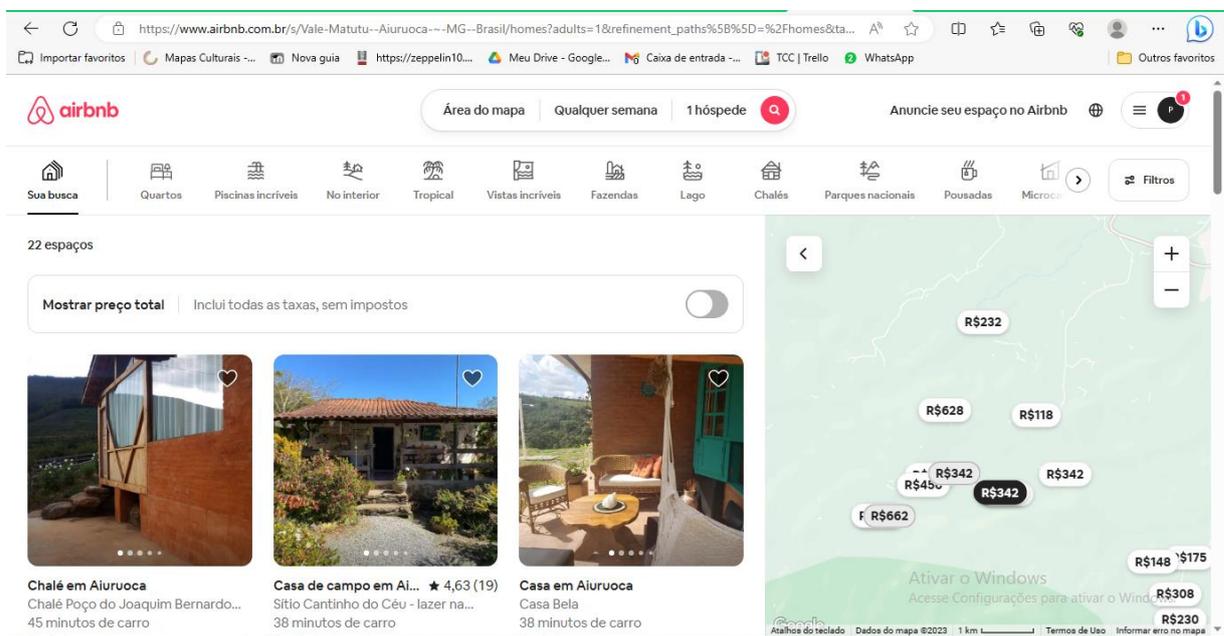
⁸ Disponível em: [Airbnb | Aiuruoca — Aluguéis de férias e acomodações - Airbnb](https://www.airbnb.com.br/s/Vale-Matutu--Aiuruoca---MG--Brasil/homes?adults=1&refinement_paths%5B%5D=%2Fhomes&ta...). Acesso em 03 de agosto de 2023

Figura 21: Imóveis para locação no Airbnb em torno do Matutu e Pedra



Fonte: site do Airbnb, Google (2023)

Figura 22: Quantidade de imóveis no Airbnb na região dos Garcias



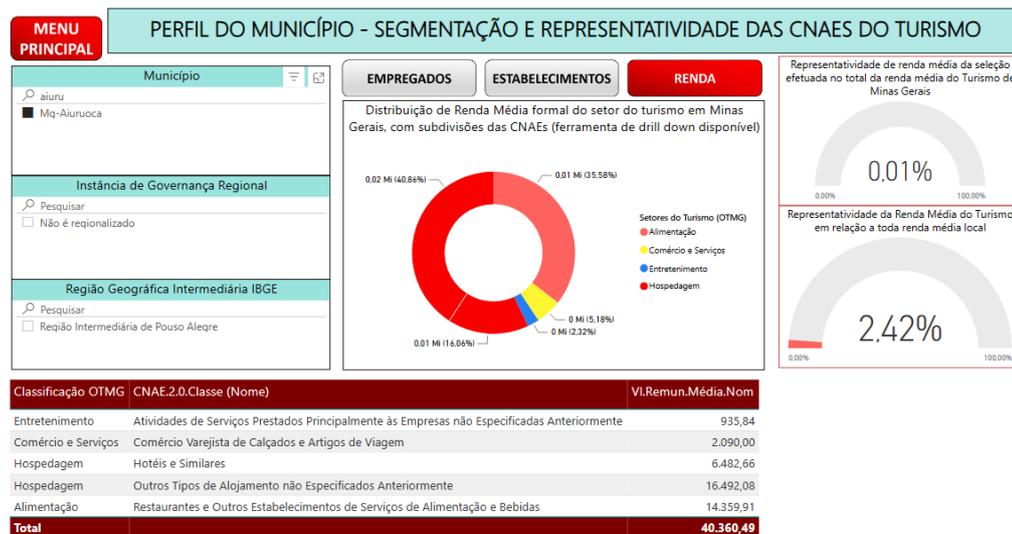
Fonte: Site do Airbnb (2023)

Apesar dos muitos meios de hospedagem e locais para alimentação listados na internet, formalmente no Observatório do Turismo⁹ no ano de 2020, em Aiuruoca

⁹ Disponível em: [Painéis Interativos – Observatório do Turismo de Minas Gerais \(observatorioturismo.mg.gov.br\)](https://observatorioturismo.mg.gov.br)

são registrados apenas 35 empregados e 16 estabelecimentos, e a distribuição desses serviços de hospedagem representam aproximadamente 56%; alimentação 35% (Figura 23). Percebe-se que esse número deveria ser maior, tendo em vista que só de pousadas, desconsiderando restaurantes, são listadas bem mais de 16 nas redes sociais.

Figura 23: Porcentagem da distribuição dos serviços turísticos em Aiuruoca no ano de 2020.



Fonte: Painéis interativos Observatório de Turismo de Minas Gerais, 2023

A Secretaria responsável pela gestão do turismo em Aiuruoca é a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Social, Ambiental e de Turismo. Portanto, o gestor precisa dar atenção a várias demandas diversas além do turismo, o que é muito comum em prefeituras de municípios pouco populosos e dificulta um planejamento voltado apenas para o turismo na cidade.

A Secretaria criou um Guia de Serviços de Aiuruoca¹⁰, onde turistas podem encontrar estabelecimentos diversos na página inicial (figura 24) e descobrir mais informações sobre a cidade também. Já o empresário doa um valor para uma das entidades: Associação Comunitária do Movimento Familiar Cristão de Aiuruoca (Asilo) ou Associação Casa do Bem Estar da Criança e do Adolescente de Aiuruoca (Abrigo) ou para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE de

¹⁰ Disponível em: [Guias de Serviços de Aiuruoca - Empreendimentos Solidários \(guiadeservicosaiuruoca.com.br\)](http://guiadeservicosaiuruoca.com.br)

Aiuruoca, e seu estabelecimento passa a ser divulgado no site e também recebe o “selo de empreendimento solidário” por contribuir com as entidades.

Figura 24: Print da página inicial do Guia de Serviços de Aiuruoca

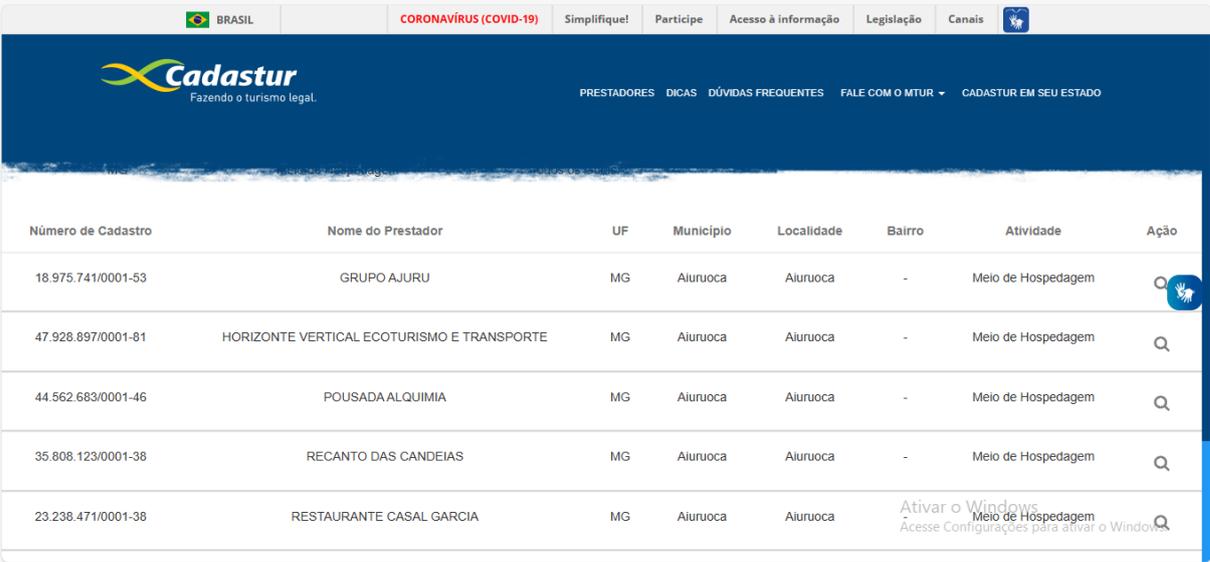


Fonte: Guia de Serviços de Aiuruoca, 2023

No Cadastur¹¹ são registrados apenas 5 meios de hospedagem (Figura 25) no município. No site avisa que o cadastro é obrigatório para: “Acampamentos Turísticos; Agências de Turismo; Guias de Turismo; **Meios de Hospedagem**; Organizadoras de Eventos; Parques Temáticos; Transportadoras Turísticas;” (Cadastur, 2023) (Grifos nossos) E o cadastro tem que ser renovado a cada 5 anos.

¹¹ Disponível em: [Cadastur - Ministério do Turismo](#)

Figura 25: Meios de hospedagem listados no site do Cadastur em Aiuruoca



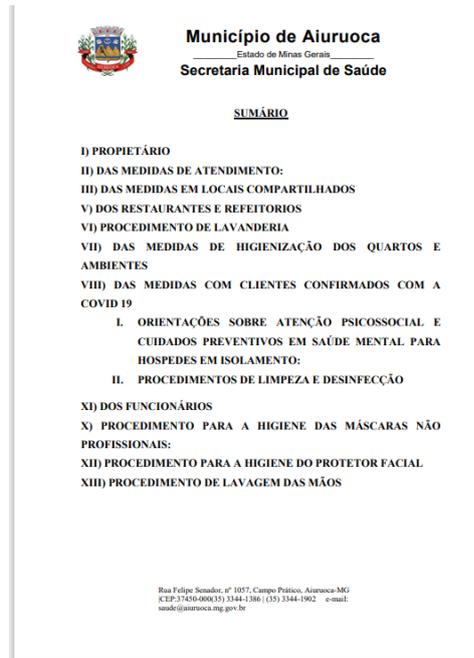
Número de Cadastro	Nome do Prestador	UF	Município	Localidade	Bairro	Atividade	Ação
18.975.741/0001-53	GRUPO AJURU	MG	Aiuruoca	Aiuruoca	-	Meio de Hospedagem	
47.928.897/0001-81	HORIZONTE VERTICAL ECOTURISMO E TRANSPORTE	MG	Aiuruoca	Aiuruoca	-	Meio de Hospedagem	
44.562.683/0001-46	POUSADA ALQUIMIA	MG	Aiuruoca	Aiuruoca	-	Meio de Hospedagem	
35.808.123/0001-38	RECANTO DAS CANDEIAS	MG	Aiuruoca	Aiuruoca	-	Meio de Hospedagem	
23.238.471/0001-38	RESTAURANTE CASAL GARCIA	MG	Aiuruoca	Aiuruoca	-	Meio de Hospedagem	

Fonte: Cadastur, 2023

No período de pandemia, assim como em outros locais, muitos que trabalham exclusivamente com o turismo foram altamente impactados. No município, foram feitas barreiras sanitárias nos locais de entrada, onde os trabalhadores da vigilância sanitária e polícia só deixavam entrar se tivesse comprovante de residência, para evitar a entrada de turistas e a contaminação dos moradores.

A Secretaria de Saúde também lançou o “Protocolo de Biossegurança Para o Segmento Hoteleiro do Município de Aiuruoca/MG” com informações sobre como proceder, tanto os hóspedes como também os trabalhadores do local, que ficaria responsável pela limpeza, como outros tópicos abordados no sumário (Figura 24).

Figura 26: Sumário do “Protocolo de Biossegurança Para o Segmento Hoteleiro do Município de Aiuruoca/MG.”



Fonte: Protocolo de Biossegurança Para o Segmento Hoteleiro do Município de Aiuruoca.

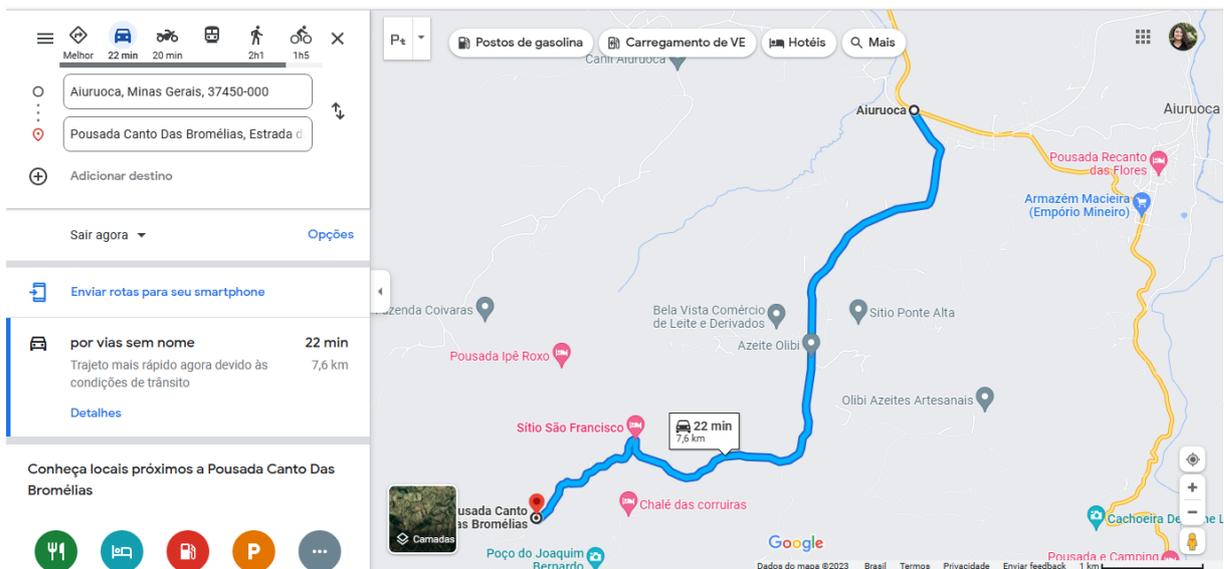
Para a reabertura da cidade foi lançado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Social, Ambiental e de Turismo o “Programa para Reabertura do Segmento Hoteleiro no Município de Aiuruoca-MG”, o “Termo de Responsabilidade Sanitária para os Guias e Condutores de Turismo”.

3. CAPÍTULO 2 - A INTERDEPENDÊNCIA DE MEIOS DE HOSPEDAGEM E O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO PAPAGAIO

3.1. Os Empreendimentos Pesquisados

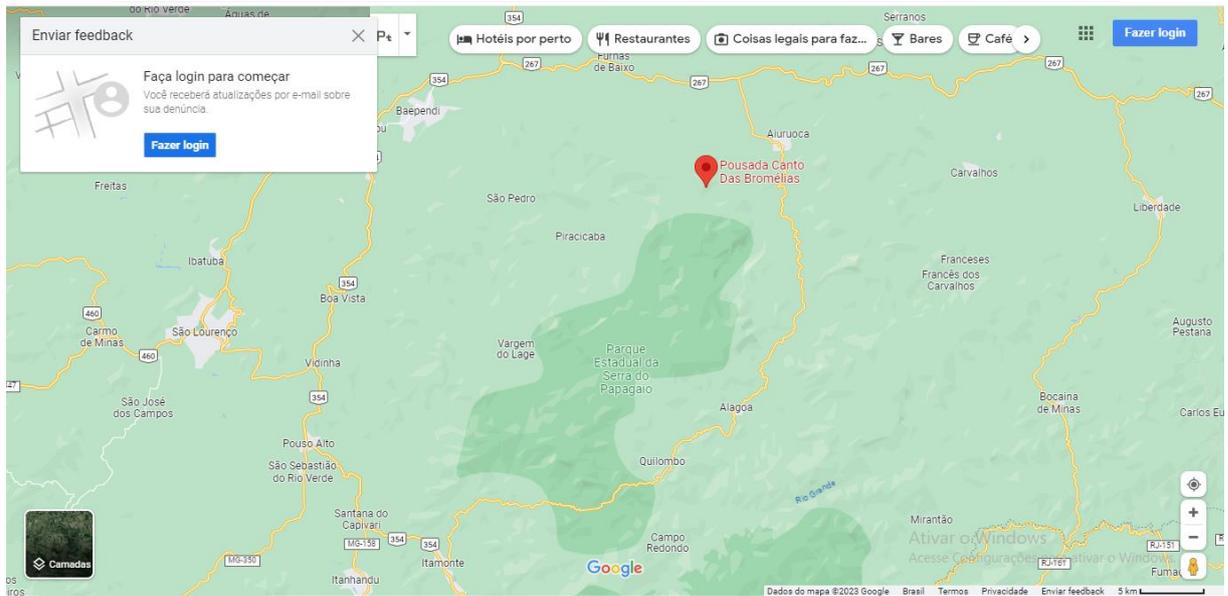
A Pousada Canto das Bromélias está localizada na Serra dos Garcias, com uma altitude aproximada de 1700 metros, com distância de 3km do Parque Estadual da Serra do Papagaio e segundo Google Maps, de 12,1 km partindo do Centro da cidade e com 7,6 km de estrada não pavimentada. (Figura 25)

Figura 27: Quilometragem de estrada não pavimentada até a Pousada Canto das Bromélias.



Fonte: Google Maps (2023)

Figura 28: Quilometragem de estrada não pavimentada até a Pousada Canto das Bromélias.



Fonte: Google Maps (2023)

A Pousada possui 4 chalés, com capacidade para 14 pessoas ao todo, sendo que dois chalés possuem banheira de hidromassagem. Todos os chalés são voltados para o Pico e com uma parte da construção de vidro possibilitando vislumbrar da vista da região. No território da hospedagem é possível se encantar com a paisagem da Serra da Mantiqueira, onde é possível ver o nascer e o pôr do sol entre as montanhas e em frente está o Pico do Papagaio, onde geralmente serve o café da manhã. (Figura 26)

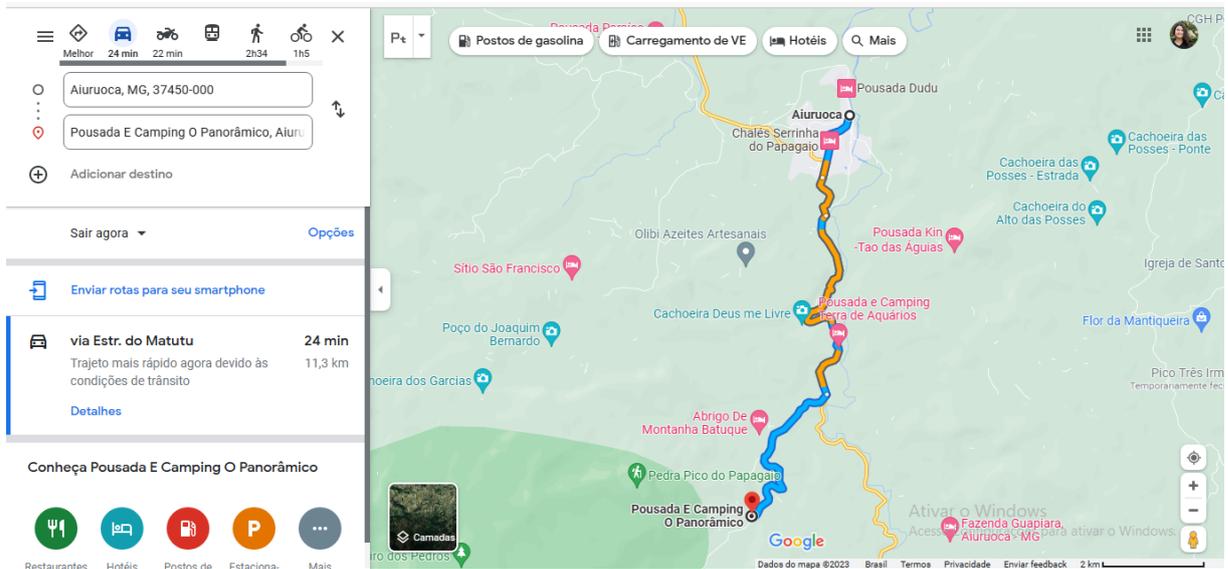
Figura 29: Vista para o Pico do Papagaio no deck onde é servido o café da manhã.



Fonte: Acervo de Dadá, proprietário (2023)

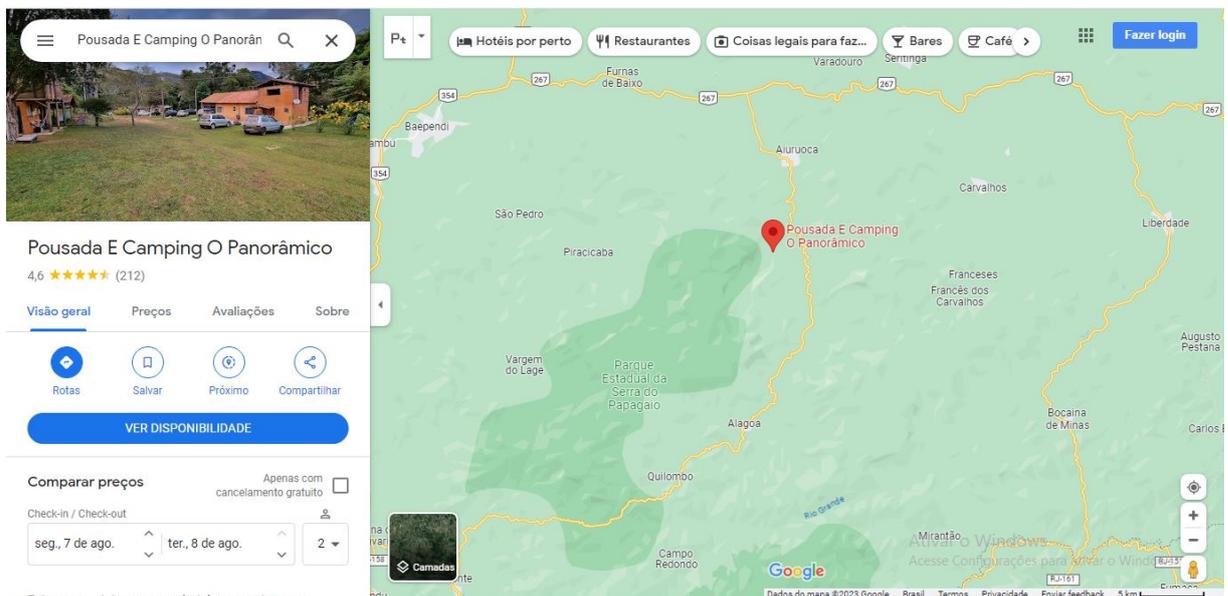
O camping escolhido para a pesquisa, foi O Panorâmico que está situado no bairro rural da Pedra, com 11,3 km de distância do centro da cidade de Aiuruoca (Figura 28) e, de acordo com o relato do proprietário, com 700 metros de caminhada é possível chegar no território do Parque Estadual da Serra do Papagaio.

Figura 30: Distância do camping e o centro de Aiuruoca.



Fonte: Google Maps (2023)

Figura 31: Localização do camping em relação ao Parque Estadual da Serra do Papagaio



Fonte: Google Maps (2023)

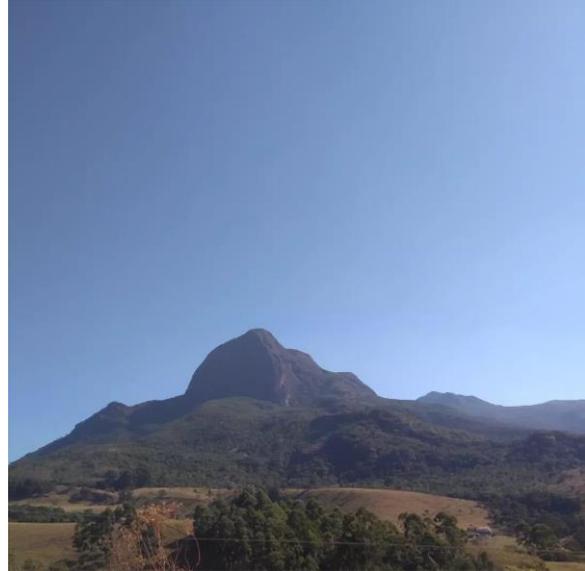
No local, é possível ver a pedra do Pico do Papagaio bem próxima, o que permite uma paisagem atrativa. Na imagem fica perceptível o Pico do Papagaio ao fundo (Figura 30) e em alguns pontos do caminho, tem uma visão nítida do Pico do Papagaio também (Figura 31). O camping possui uma área bem extensa, sendo possível deixar automóveis estacionados no local. (Figura 32 e 33)

Figura 32: Foto do camping.



Fonte: Acervo do proprietário, O Panorâmico (2023)

Figura 33: Vista do caminho de acesso ao camping



Fonte: Acervo próprio (2023)

Figura 34: Uma das áreas do camping



Fonte: Acervo do proprietário, O Panorâmico (2023)

Figura 35: Vista para o Pico do camping



Fonte: Acervo do proprietário, O Panorâmico (2023)

A estrutura do local conta com 16 banheiros ao todo, separados entre masculino e feminino. Possui uma cozinha compartilhada, equipada com geladeira, microondas, churrasqueira, um lugar no qual é possível a socialização dos hóspedes. No local do camping, também há pousada. O imóvel de curta temporada alugado na plataforma Airbnb (Figura 34) escolhido para a pesquisa também está localizado no bairro rural da Pedra. Conhecido e chamado pelos proprietários de Micro casa, possui 1 quarto, 1 cozinha e 1 banheiro. (Figura 35 e 36)

Figura 36: Imagem externa da microcasa

Fonte: Proprietária (2023)

Figura 37: Interior da Casa verde

Fonte: Proprietária (2023)

Figura 38: Interior da Casa Verde

Fonte: Proprietária (2023)

A Percepção Dos Empresários Com O Parque Estadual da Serra do Papagaio

Abordaremos neste subcapítulo, a percepção que os proprietários de meios de hospedagem possuem acerca do Parque Estadual da Serra do Papagaio por meio da transcrição e análise das entrevistas. Algumas palavras e frases com erros gramaticais foram alteradas da original como “memo” para “mesmo” e “nóis trabalha”. Outras, como “tô” que seria “estou” foram mantidas para preservar a linguagem coloquial dos entrevistados, sem muitas formalidades, reforçando ainda, que o contexto não se encaixa em uma crítica aos modos de falar, mas como características que tem como objetivo realçar o modo simples de fala dos entrevistados. A tabela 1 mostra os entrevistados e as perguntas encontram-se no apêndice 1.

Tabela 1: Entrevistados proprietários de meios de hospedagem

Nome do empreendimento:	Pousada Canto das Bromélias	Camping O Panorâmico	Airbnb: Microcasa
Bairro rural:	Serra dos Garcias	Pedra	Pedra
Nome do entrevistado(a):	Denildo	Odilon	Entrevistada 3
Gênero:	Masculino	Masculino	Feminino
Idade:	40 anos	50 anos	22 anos
Escolaridade:	Superior completo	Ensino Fundamental (até 8º)	Superior – Cursando
Renda mensal média:	R\$ 60.000,00 bruto	não quis falar	média de 2 salários mínimos

O primeiro entrevistado foi Dadá (apelido como é conhecido em Aiuruoca e pelos hóspedes), de 40 anos, proprietário da pousada Canto das Bromélias. O segundo foi Odilon, de 50 anos, e a terceira entrevistada foi a Entrevistada 3, de 22 anos, que aluga uma micro Casa no bairro da Pedra.

Todos os três são naturais de Aiuruoca, com pais também nascidos na localidade. Ao serem questionados se são nativos, afirmam “Sim, nascido e crescido na Serra dos Garcias” (Dadá). Odilon retrata uma atividade que merece ser ressaltada: “sim, sou daqui mesmo, nasci aqui no camping mesmo, não foi nem no hospital não (risos)”. Percebe-se aqui, uma das tradições de pessoas que moravam na zona rural, onde a maior parte dos partos, ocorriam dentro das próprias casas de acordo com relatos de moradores.

Em relação ao surgimento do meio de hospedagem, Dadá retrata que:

A pousada ela nasce em 2015, mas a ideia em 2000. Em 2000 já tinha o sonho e portanto trabalhei de guia por 15 anos em torno da Serra do Papagaio, fundei uma associação de guias, que chama ÁGUIA, associação dos guias de Aiuruoca, é “tô” na batalha. Hoje há 23 anos

Odilon recorda que anteriormente ao camping O Panorâmico teve um ao lado do atual e posteriormente foi para São Paulo, “aí eu voltei e montei o camping aqui mesmo na propriedade do meu pai e já tô aqui há 13 anos com o camping.”

A terceira entrevistada, possui o meio de hospedagem

desde 2019 [...] Ali era uma lojinha de artesanato que a gente tinha aberto, meu pai faz queijo, esses trem, então a gente vendia ali e quando eu morava em Aiuruoca eu ficava lá e vendia. Ficava lá o dia inteiro. Só que daí em 2019 eu me mudei para a faculdade e lá ia ficar fechado porque não tinha quem ficasse, aí eu e meu pai a gente teve a ideia de transformar lá né num Airbnb. Desde então a gente fez uma reforminha lá e transformou em casa de aluguel.

A trajetória de cada um no turismo, se deu de maneira diferente. Para Dadá, na qual fez o curso de turismo online, aborda:

a minha trajetória é de sonho. Todos os dias de ver mudança de perfil do nosso cliente que cada dia que passa nos faz crescer, nos faz acreditar nessa semente que é o turismo na Serra da Mantiqueira. O turismo de Aiuruoca é...em 1980, se você for ver os relatos de turismo de 1980 era “pra” um nicho de mercado até em “98”, em “98” começa uma mudança. É com o redesenho da Estação Ecológica do decreto de 98, é quando a gente inicia em 2002. Desde 2000 eu trabalho de voluntário, trabalhei de voluntário, é bom frisar isso que hoje eu não trabalho mais é, e posso explicar o motivo também. O perfil do visitante do Parque Estadual da Serra do Papagaio vem mudando, vem mudando e mudando de uma maneira transformadora no impacto dos negócios locais, porque até 98 nós tínhamos um nicho de mercado, a partir de 98 a trajetória muda. Eu começo a trabalhar de guia em 2000, trabalhei por 15 anos. Esses 15 anos que trabalhei de guia dentro da Unidade de Conservação Parque Estadual da Serra do Papagaio, acompanhei uma mudança de trajetória política, que influencia no visitante e nos comércios locais.

É impactante assim, se você for ver o que as pessoas buscavam em 2010 eu Dadá com os cavalos, trabalhei com cavalos por 15 anos dentro da Unidade, o que esse cliente buscava, hoje ele não busca mais porque o turismo virou casa da maria joana, todo mundo sai e entra. Não precisa mais da pessoa do guia, não depende mais do dono da pousada [...] Então hoje ‘cê’ num..., ‘ce’ entra dentro da Unidade sai e não tão nem aí.

Quando encerra-se o ciclo dos representantes da Unidade de Conservação com a comunidade local, tendência a mudar e a coisa como vai hoje nos próximos anos não tem cenário nenhum de mudança devido a situação política de administração da unidade com os negócios, esse elo não fechou mais.

Para a Entrevistada 3 também foi algo natural pois

meus pais eles tem uma pousada né, já tem 30 anos. Então desde que eu nasci eu tô no meio do turismo, porque a gente mora pertinho da pousada, dá uns 100 metros e é familiar, só eles que trabalham lá. Então eu sempre tive muito no meio do que acontece lá na pousada, com hóspede. Trabalho lá também desde novinha, então sempre tive nesse meio.

Porém, para o dono do camping, sua trajetória se deu na “marra” (palavreado usado por ele), onde foi “sem instrução, sem nada, tendo ideias, como se tivesse recebendo uma visita em casa.”

Com relação a visão de cada entrevistado sobre o Parque Estadual, de modo geral são positivas, onde defendem a sua existência, mas fazem considerações importantes. Dadá retrata a existência do Parque como:

Maravilhosa! Galinha dos ovos de ouro nossa! Galinha dos ovos de ouro! nossa salvação! Todo dia eu olho, todos os dias antes de fazer qualquer coisa eu to olhando pro parque. É isso daqui sabe! 90% da visitação do Parque Estadual da Serra do Papagaio se dá por Aiuruoca, desses 90% de Aiuruoca dos valores que rege as propriedades, as construções são todas voltadas pro Pico. Hoje se fala: “a vou vender uma terra”. Tem vista? Tem vista pro Pico do Papagaio? Então mais do nunca precisa voltar pra base, a educação ambiental lá na escola, fazer dia de campo, fazer dia de plantar muda, fazer educação ambiental base! Meu sonho que eu luto todos os dias. Base! Educação ambiental na escola! Tirar o jalequinho, tirar o balãozinho que subiu e voltar pra base. Fazer educação da escola voltar para dentro das casas.

Odilon retrata algo de suma importância para nosso trabalho, ao ser questionado ele diz:

É boa, só que ainda assim como eu, a maioria da população de Aiuruoca, Vale da Pedra e Matutu, eu acho que ainda tá meio no escuro ainda. O Parque não declarou como funciona bem. Exemplo, meu pai que nasceu e cresceu aqui, tem 88 anos, se algum turista chegar aqui e perguntar o que é o Parque para ele, ele não vai saber explicar. No caso, isso é uma crítica construtiva, que eu deixaria no caso sobre o Parque. E não só ele mas o jovem também, adolescente se perguntar pra ele o que é o Parque, pode ter aprendido na escola, tá aprendendo agora mas não vai saber explicar também o que é o Parque.

Seu relato faz parte do contexto de muitos moradores, na qual pouco tem-se informações sobre o Parque na cidade. Anteriormente, mesmo para a realização de trabalhos escolares, não se tinha estas informações de fácil acesso.

E para Entrevistada 3:

eu acho que em questão de natureza tem muita coisa, muita coisa ‘pra’ fazer mas o parque em si, eu acredito que falta um pouco de estrutura. Na verdade não tem estrutura né, não tem nada. Tipo Ibitipoca que é bem mais desenvolvida nesse sentido, tem placa, as trilhas são limpas. Então acredito que falta um pouco de estrutura nesse sentido lá no parque, de ter um pouco mais de informação do que é o parque, as trilhas. Ser um pouquinho mais sinalizado.

Todos os entrevistados defendem que a existência do parque é benéfico para Aiuruoca, Dadá traz na fala o sorriso no rosto: “Sim! (risos) Sem dúvidas! Nossa!”, e

Odilon: “É benéfico, acho que não só para Aiuruoca né, acho que mundialmente porque sem entrar em mais detalhes, o Parque é pra preservar né. Eu acho bacana.”
 E Entrevistada 3: “Sim, sim! Muito benéfico. Para o turismo é 100% por causa disso, porque na cidade mesmo não tem o que o turista fazer né. Então eles vem mais por causa disso né, cachoeiras, o pico, as trilhas. Então é muito benéfico sim.”

A Microcasa, alugada no Airbnb, é limítrofe com o Parque. Já os outros estabelecimentos não fazem limite com o Parque, porém a Pousada Canto das Bromélias está “na área de amortecimento, então assim, a área de amortecimento ela tem um raio hoje eu tô em linha reta do Parque há 2 km, em estrada eu tô a 3 km do Parque” e Odilon neste momento trouxe outro complemento:

Não. Está dentro da APP mas não faz limite com o Parque. Na verdade uma das críticas construtivas que eu cito no caso, é porque quando surgiu o Parque, até a associação de moradores apoiou em benefício do Parque, era delimitado por altitude no caso né, que eram 1350 metros de altitude fazia parte do Parque e houve algumas mudanças, direção no caso. Hoje já não é mais. O lugar que era pra ser parque não é, e lugar que não era parque, hoje se considera parque. Ainda não está bem definido. O camping aqui está a 1175 metros de altitude, então não tá dentro do parque.

O acesso à terra para Dadá se deu por: “compra! No ano de 2010, a terra era do Sr. Joaquim Bernardo.” Odilon herdou a terra dos seus familiares, onde foram eles quem o compraram. Seus avós que compraram, há mais ou menos uns 100 anos. A propriedade manteve o mesmo tamanho. E para Entrevistada 3 na qual o terreno se deu por, “herança do meu avô, aí ficou para o meu pai e meu pai construiu”. O espaço se manteve do mesmo tamanho e a entrevistada reforçou que antes era tudo mato e seu pai quem construiu a pousada após o acesso a terra.

Durante a realização das entrevistas, fica explícito que houve inúmeras ofertas para os proprietários venderem suas terras e a finalidade da compra. Dadá comenta:

(risos) trocentas vezes. Especulação imobiliária! Chineses com força. Já recebi várias ofertas que chegam a coçar, várias vezes. Imagina pra um caipira que nasceu e cresceu na roça, ser analfabeto funcional receber uma proposta de 10 milhões.[...] Há 13 anos atrás eu fui chamado de louco por familiares por sinal [...]

O proprietário do camping teve uma reação muito parecida com a de Dadá: “(risos) Já! várias vezes, direto sempre tem, mas não vende não.” O motivo da

compra era para lazer e descanso. Onde a maioria dos interessados são “‘de fora’, de outros estados e até de outros países também.” (Odilon)

Exceto para Entrevistada 3 que relata “Não. Só uma casinha da minha mãe ali do lado. Meus pais estão até querendo vender a pousada mas ainda não conseguiram ninguém para comprar não.” Ela acredita que devido a terra ser muito extensa, não consegue compradores. É retratado que já foram feitas outras ofertas, mas querem apenas uma parte do espaço, e não o terreno todo.

Todos os meios de hospedagem estão muito bem localizados, com vários atrativos ao redor. A Pousada de Dadá possui 22 atrativos naturais em uma distância de 7km. No entorno do camping, tem “a Cachoeira do Macaco ‘tá’ a 3 km, tem o Poço das Fadas, Pico do Papagaio, Cabeça do Leão que você vai com uma hora de caminhada também, só isso. E Cachoeira do Batuque também” (Odilon) ao transcrever uma entrevista, é de suma importância destacar alguns pequenos detalhes pois quando perguntado para Odilon sobre os atrativos ao redor, obtemos como resposta o uso de “só isso”, o que instiga a pesquisadora: será que Odilon considera poucos os atrativos ao redor quando possui 5 (cinco) lugares que são de beleza gigantesca?

O Airbnb também está muito bem localizado, com uma distância de

2 km da Cachoeira dos Macacos, 4 km do casarão do Matutu e tem uma entrada indo para o Pico do Papagaio que é pelo pesque e pague, tá a 1,5 km, 2 km. Tem a igreja ali da Pedra também, de Nossa Senhora das Dores que acaba sendo um ponto turístico, que tá próxima.

A percepção de cada um considerando o que mudou no turismo em Aiuruoca, Dadá observa a

[...] mudança 100% do perfil do cliente. Cliente que vem pra Aiuruoca, ele já conhece outros lugares tão bonitos quanto. O ticket médio de consumo do perfil de Aiuruoca ele é alto, considerado os dos nossos parceiros ao redor. O que hoje determina é a gente consegui a retirada das plataformas de vendas de Aiuruoca pra uma fidelização de um público bom. O que são as plataformas? O Airbnb, o Booking, a cvc, o trivago, a decolar, o Tripadvisor. Essas plataformas aniquilam o desenvolvimento local porque você tem simplesmente o negócio, coloca lá e pronto! Eu não direciono o perfil de cliente.

Eu tenho vários amigos, participo de várias associações de donos de negócio que trabalham com essas plataformas. Exemplo de São Tomé das Letras: recebe 4 mil visitantes, tem 7 mil moradores na cidade e ticket médio de 173 reais. Aiuruoca nós temos um ticket médio, tá hoje, em torno de 570 reais. [...] Caxambu quebrou turisticamente falando devido a essas

plataformas. A Booking é a maior rede hoteleira do mundo, não tem um quarto de hotel. [...] Tá aí um exemplo que a gente não deve depender dessas plataformas. [...]

Esta percepção em relação aos meios de hospedagem também faz parte da vida de Odilon, na qual responde: “Aumentou bastante a hospedaria, é casas... Mudança radical assim, não vi! Falta um pouco de incentivo na parte administrativa. Falta divulgar mais, ter mais atração e não ficar só por conta dos atrativos da natureza. A cidade em si é, deixa a desejar, praça de alimentação...”.

A maior mudança que teve desde que a gente começou lá, foi em relação à pandemia. Porque eu comecei aí um ano depois já teve a pandemia, e aí só se estabilizou mesmo no ano passado. Então acredito que esse período foi muito difícil até por questão de vigilância sanitária, Aiuruoca parou tudo, a gente não tava podendo receber de nenhuma forma, e aí depois que passou esse período foi bem tranquilo. A gente tem conseguido alugar bastante, o pessoal procura bastante. Acredito que o turismo tem crescido né. O valor da cidade, não é muito barato, tanto de hospedagem quanto alimentação, então a cada dia acaba ficando um pouquinho mais caro e não tão acessível para todo mundo. Acho que isso também segmenta um pouco o turismo que a cidade quer trazer né. Mas isso talvez pode ser um incentivo pra não ter mais turistas, mais procura né, já que não é um destino tão barato. (Respostas transcritas da entrevista semi-estruturadas – Entrevistada 3)

O perfil de turista que frequenta os estabelecimentos é “um perfil de 25 a melhor idade. Ticket médio de consumo por pessoa em torno de 3600 reais”. Odilon retrata: “ah eu tenho vários públicos né. É um montanhista, tem pessoa que vem trazendo criança, senhora, gente que vem pra descansar mesmo. Vem muita família, a maioria é casal, criança.” No Airbnb de Entrevistada 3: “geralmente são casais, com idade entre 30, 45 anos, a maioria do público também é de São Paulo.”

Geralmente, o tempo médio da diária em todos os meios é de 3, 4 dias. Mas como relatado por Dadá, tem casais que vão e se hospedam em torno de 11 dias também.

Usualmente, a taxa de ocupação tem uma média, mesmo com os locais sendo bem diferentes. Dadá (40) retrata que “hoje eu tenho 66% de ocupação. Eu tenho 120 diárias mensal, são 4 chalés”.

Só para camping tem uma área mais ou menos de 6.000m², 7.000m², só pra barraca. Para não ficar lotado, cabem umas 80 pessoas, até 100 dá. Depois da pandemia caiu um pouco mas varia, tem final de semana que fica com 20, 30 pessoas e outro com 10. Então varia. (Odilon)

Em relação a taxa de ocupação da microcasa, “varia, mas geralmente 1 final de semana por mês que não está alugado”.

Quanto aos seus hóspedes visitarem o Parque, nota-se uma diferença no público, pois apenas “0,01%. Sabe assim, de cada 100, é um. E olhe lá.” (Dadá) Porém na hospedagem de Odilon: “a maioria. O Pico aqui eu acho que seja um dos lugares mais visitados de Aiuruoca hoje. Pessoal fala as cachoeiras, eu acho que pode fechar todas as cachoeiras aqui que o Pico ainda vai manter. O Pico é a referência de Aiuruoca”. E na casa de veraneio de Entrevistada 3, também

visitam! Visitam sim. E a gente mesmo dá dica pra eles. Eles chegam, a gente fala o caminho. Às vezes eu mando escrito também em relação a trilha, como eles chegam. Eu indico eles fizeram. Então todos os meus hóspedes até hoje, todos eles saíram foram e frequentaram. Ninguém foi só pra ficar em casa, por exemplo. (Entrevistada 3)

Entende-se que todos enfrentaram dificuldades no período de pandemia. Dadá, na qual sua fonte de renda principal é a pousada, retrata que a situação foi “TRÁGICA! CÔMICA! DESESPERADORA! (Risos) Aiuruoca é uma cidade que, enfim, ficou 11 meses com uma tenda na beira do asfalto dizendo que o hóspede não podia entrar. Quebrou muita gente! Então assim, foi trágico! Tem gente que não recuperou até hoje, por inabilidade política. [...]”. No mesmo sentido, Odilon na qual sua fonte principal de renda é construção civil e não vive apenas da pousada e do camping, considerou:

Eu acho que Aiuruoca por um lado foi bom né, de preservar a vida, nosso bem mais precioso, mas eu achei que houve um certo exagero na parte de administração. Uma crítica construtiva no caso. As pessoas não muito preparadas [...] Assim a forma de como esclarecer no caso, principalmente nós que trabalha com turismo, nós sofremos bastante. (Odilon)

As dificuldades mesmo foram as normas da prefeitura, que tipo fechou 100%. No início, por quase 1 ano a gente não podia receber de nenhuma forma, depois até podia mas era extremamente burocrático. Você preenchia um formulário lá no início da cidade. Muito rígido, aí o pessoal não tava vindo muito, já que tinham cidades que eram de mais fácil acesso. Então isso foi um grande dificultador aí. (Entrevistada 3)

O que mudou após a pandemia:

perfil do cliente, permanência. O cliente hoje ele exige você ter uma internet de qualidade, as quatro refeições no local. Isso é determinante para a fidelização do cliente, do retorno pra um ticket médio de consumo que dá lucro pro negócio. Porque? isso aqui é uma empresa eu preciso dar lucro por metro quadrado. O Dadá vende a empresa, o Denildo tem opinião pessoal, mas o Dadá vende a empresa. Então o Dadá se dedica 100%.

Esse cliente pós pandemia ele exige um mínimo do que ele tem em casa. [...] É qualidade, não quantidade. (Dadá)

Para Odilon: “Pessoal tá mais cauteloso no caso, pensando mais pra gastar seu o dinheiro. Pra fechar com um grupo hoje, nós trabalhamos 2 meses pra fechar com um grupo que fica 3, 4 dias.”

olha, e não achei que mudou muita coisa antes e depois. No comecinho assim, muita gente tava viajando, então foi um boom assim, a gente teve muita reserva até o final do ano passado. Esse ano já deu uma estabilizada, acredito que o pessoal também tá indo para outros lugares, tá viajando mais para longe. (Entrevistada 3)

Em relação à sazonalidade:

[..] se o seu negócio tiver um plano de ação, você usa ele ao seu favor. Pra você fazer a manutenção devida, pra você ter o marceneiro pra lixar, pra fazer a recuperação das coisas que precisa, porque numa pousada o cliente não se incomoda com o cheiro de tinta, mas ele se incomoda se a grama tiver alta. Então assim, essa sazonalidade, você tendo um planejamento do seu tempo, ela é muito necessária! Ela é muito necessária pra nós, porque eu tenho que fechar a pousada no período em que eu vou fazer a manutenção. A cada dez dias eu fecho 3 (dias), independente se vai dar final de semana ou não eu tenho que cortar a grama! Ai se ta chovendo, eu vou ter que cortar, porque são três dias... Isso aqui é uma empresa para dar lucro por metro quadrado, se hoje em 2010 eu fiquei com uma CG que valia 2 mil reais, hoje eu olho para trás há 13 anos e vejo o quanto o foco, persistência no foco dá resultado!! O turismo tem esse poder de transformar. Transformar a fonte de renda. Eu sou a prova disso, porque não tem herança, não tem dinheiro do pai e da mãe, e se tivesse não teria problema nenhum mas precisa ser frisado que isso aqui é trabalho com foco. [...] E saber separar, no caso de uma pandemia ‘nois’ não passou aperto. Eu podia andar de moto, duas vezes por semana. Tem coisa melhor no meio de uma pandemia? (risos) Entende?[...] (Dadá)

Para Odilon: “Na verdade demorou um pouco pra mim entender as épocas que dava essa mudança. E é saber administrar o que entra, saber a época por exemplo, agora to fazendo uma reforma, depois vai pra época de dar uma mexida aqui, fazer melhorias, então é essa parte aí”

Lá na verdade é uma renda extra né. nem pra mim e nem pro meu pai, a gente não conta com esse dinheiro. Eu trabalho, meu pai também, então é um extra. A gente durante os feriados se programa, já faz os posts com antecedência. [...] Em meses que tem menos movimento a gente coloca divulgação da pousada também, a pousada tem mais visibilidade, o Instagram dela é maior, eu posto no meu sempre também, então a gente vai fazendo meio que nesse sentido mas nada muito estruturado não porque a gente não tem muito tempo e a gente não conta muito com isso. (Entrevistada 3)

Tem alguma coisa que você gostaria de retratar sobre a influência do Parque na sua vida ou no seu empreendimento:

Dadá:

aah mais com o maior prazer! De fazer com que as pessoas que estão do outro lado, atrás do ar condicionado, os técnicos, se qualifiquem para fazer política. Pra poder ouvir é a necessidade de cada bairro em torno da Unidade de Conservação. Não adianta chegar pro sr. Manoel que não pode por fogo se você não apresentar alternativa. Alternativa quer quiser, se você plantar um capim com valor nutricional x o que você vai queimar de solo seu, você consegue recuperar. Então é assim, fazer política, descer do salto e nivelar por baixo e conseguir atender a necessidade de cada bairro. Nós estamos falando de 5 municípios com necessidades muito diversas. A necessidade por exemplo do vizinho meu do Vale do Matutu e da Serra dos Garcias são diferentes! A do Gamarra são diferente dos Garcias! A do Chapéu é diferente da Vargem, do Gamarra, da Laje, do Ribeirão do Rio acima. [...] Sabe o que eu acho que poderia ser melhorado, deveria descer do salto! É isso mesmo! São técnicos que estão atrás do ar condicionado. [...] Isso é determinante para ter a população local como amiga, parceira do Parque. Esse alinhamento político foi rompido em 2013, há 10 anos atrás quando põe dinheiro pra uma coisa que era voluntária. O trabalho voluntário das comunidades locais. O combate ao incêndio florestal era voluntário, chegou alguém de cima pra baixo e falou: 'não, vamo dar dinheiro para as pessoas que assim nós temos um portfólio de receita maior' e aí desanda tudo. [...]

Odilon:

Olha o parque igual eu falei, acaba sendo bacana. As pessoas vem muito procurando saber sobre o parque e eu que de uma certa forma ele influencia no turismo sim.

Na minha vida não influenciou em nada, porque apesar de eu ter nascido aqui, eu morei um tempo fora em São Paulo, então minha vida ela não mudou muito que eu voltei tem 13 anos no caso. Agora amigos, famílias que moram aí, trabalhavam com gado, plantação, aí deu uma mudança bem drástica no caso. Desapropriou, não pode colocar gado mais. Mas 'pra' mim não. Tanto que os brigadistas, o pessoal que toma conta, eles são meio odiados por alguns, então, por falta do que? As vezes de um esclarecimento mais nítido no caso né?"

Para Entrevistada 3:

é, seria mais essa questão de estruturação mesmo, de investir um pouco mais no turismo, de facilitar os acessos. De facilitar o acesso a informação também ajudaria muito quem trabalha com o turismo. E de divulgação, eu acho que Aiuruoca já tá sendo bem divulgada em rede social, em televisão também já foi, então o que precisa mesmo é ter uma estrutura para comportar o que a gente tem né? Não adianta ter uma reportagem sobre Aiuruoca, a pessoa chegar lá e não vai conseguir achar nada, vai ter uma trilha cheia de mato que ela não vai querer voltar, então eu sinto falta dessa estrutura. [...]

Ao ser questionada se essa estrutura era em relação ao Parque ou a Aiuruoca, ela afirma que é mais relacionada com o Parque, porque os outros empreendimentos são privados,

Então no Parque, nas cachoeiras, o acesso ao Pico tem que ter mais placa, já que de atrativo mesmo acho que é o principal. E como eu falei né, os hóspedes não vão muito pra Aiuruoca por causa da cidade. Cidade pequeninha, não tem nada. Eles passam lá, acaba conhecendo. Eles vão por causa das cachoeiras, das trilhas, por causa do Pico e é nesses lugares que não tem estrutura, não tem sinalização. Então eu acredito que é o que falta.

Você tem alguma preocupação com o futuro da propriedade ou com o futuro do turismo na cidade?

Sim! Uma preocupação na mudança do público, de fazer isso aqui chegar uma agência, uma CVC. Sou contra ao modelo de industrialização do turismo. Esse é meu maior medo hoje, é fazer com que Aiuruoca vire portfólio de agência de viagem. (Dadá)

Com a propriedade, é as regras que a gente já vem trabalhando desde o dia que a gente montou aqui. Tentando aproximar mais da perfeição que não vai acontecer. É mesmo de degradar muito a região no caso, conscientização de lixo de respeitar os limites do caso das propriedades, dos nativos, os costumes no caso. Porque assim, a gente tá recebendo o turista aqui dentro da nossa propriedade né, nois mora aqui, é um camping familiar. (Odilon)

No turismo é o que eu falei mesmo, que se não investir vai sempre continuar com esses gatos pingados. Aiuruoca já tem mais de 300 anos, então nossa! Nesse tempo dava pra ter crescido tanta coisa e não aconteceu. Então se não tiver essa mudança aí da prefeitura na área de turismo, eu acredito que vai continuar estagnado. Tem muito a melhorar, tem muito pra crescer. (Entrevistada 3)

Foi questionado para a Entrevistada 3 se ela acredita que o Airbnb é uma plataforma benéfica, onde ela respondeu: “Nossa, muito! O Airbnb salva muito. Dá uma visibilidade muito boa, e é muito simples, muito intuitivo de mexer. Eu gosto bastante.”

O quarto entrevistado, Gilberto Furriel, Secretário de Turismo na cidade, relata suas considerações sobre o turismo em Aiuruoca:

O Município de Aiuruoca experimentou diversos tipos de turismo fazendo com que lapidasse a sua identidade. Ao longo deste processo, agregou-se valores e especialmente, descobriu-se potencialidades em diversos pontos do grande território municipal. Desta forma, após este tempo, entendeu-se que, pela pluralidade, o tipo de turismo que mais se adequa à cidade é o de experiência.

Neste trajeto de quase 30 anos da atividade em nossa terra, podemos avaliar que muito se avançou, em diversos aspectos, pois, o turismo é algo vivo, pulsante, e que temos ainda um caminho a percorrer. (Gilberto, Secretário de Turismo)

Ao ser questionado sobre a relação da Prefeitura com o Parque Estadual da Serra do Papagaio retrata que: “O Município de Aiuruoca, salvo engano, possuiu cadeira no Peso desde idos de 2010, construindo ao longo destes anos um ótimo relacionamento.” (Gilberto)

Ele também considera que o Parque “É grande a importância, pois, seu principal atrativo é o Pico do Papagaio que encontra-se em território Municipal, aliás, é o símbolo principal da cidade de Aiuruoca.”

Você acredita que a falta de uma portaria, influencia/impacta na visitação?

Uma portaria impactaria de forma benéfica no turismo que acontece dentro do Parque Estadual, aliás, o que já deveria ter sido feito. Contudo, sabemos da morosidade do Estado, assim, creio que se cada cidade pudesse gerir a sua porção do Parque viabilizaria inúmeros benefícios: emprego, renda, regulamentação e fiscalização. (Gilberto, Secretário de Turismo)

Você sabe como se deu a criação do parque em Aiuruoca?

O Parque Estadual Serra do Papagaio foi criado através do Decreto nº 39.793, de 5 de agosto de 1998. Contudo, a enorme área já estava sendo protegida desde 1990, através do Decreto nº 31.368, de 2 de julho de 1990, que criou a Estação Ecológica do Papagaio, sob a jurisdição da Fundação Estadual de Meio Ambiente – FEAM. (Gilberto, Secretário de Turismo)

Você saberia me dizer se o nascimento de crianças em casa, era costume nas zonas rurais? “Creio que até meados da década de 60 ainda existia o costume de se fazer partos de crianças em casa, dado a distância entre os bairros e o hospital de Aiuruoca.” (Gilberto)

Dada as transformações sociais e avanços tecnológicos, hoje podemos vivenciar a Economia do Compartilhamento, que “é uma onda de novos negócios que usam a internet para conectar consumidores com provedores de serviço para trocas no mundo físico, como alugueis imobiliários de curta duração, viagens de carro ou tarefas domésticas.” (SLEE, 2017, p. 33) Como exemplo temos empresas que possuem maior destaque, como a Uber e o Airbnb, que “cresceram em ritmos e limites nunca antes vistos, exportando seus modelos de negócio para cidades ao redor do mundo.” (SLEE, 2017, p. 37) Também podemos destacar empresas como Ifood, TaskRabbit, Lyft, além de outras empresas que tentam conquistar seu espaço em diversos países e setores e se equiparar a elas.

As divulgações que esses sites promovem, geralmente estão relacionadas com o compartilhamento como retratado:

O Airbnb é o modelo do compartilhar: na apresentação pública e no marketing, promove ativamente uma bucólica “cidade compartilhada” onde “pequenos negócios locais florescem novamente [...] e alimentam a comunidade, onde o espaço não é desperdiçado, mas dividido com os outros” (SLEE, 2017, p. 38)

Ainda, para a Economia do Compartilhamento existe a ideia de se fazer uma “graninha” extra, pois você pode compartilhar seu carro ao ir em determinado local e diminuir seu gasto com combustíveis. Além disso, você pode dividir sua casa com alguém e assim conseguir pagar o aluguel, ou pode até mesmo dividir suas ferramentas.

Então seus criadores/ defensores levantam pautas também como a da sustentabilidade, visto que deixamos de comprar e passamos a compartilhar. Há ainda a ideia de desmonte das grandes redes hoteleiras, já que ao usar o Airbnb você contribui com um morador da cidade e deixa de ir para uma grande rede de hotéis. Pois segundo o Airbnb, ele é um site feito para “pessoas normais, locais, que querem fazer uma graninha extra, compartilhando suas casas com visitantes respeitáveis de todas as partes do mundo.” (SLEE, 2017, p. 66)

Outro detalhe é que as várias plataformas que existem reforçam que não são prestadoras do serviço mas sim um meio para conectar os usuários que vendem algum trabalho com os usuários que irão precisar do serviço. Para estabelecer-se uma certa confiança, do hóspede com o anfitrião, há avaliações. O sistema de avaliação também permite que sejam adicionados comentários feitos pelos hóspedes para os anfitriões sobre a casa.

É necessário evidenciar que o trabalhador dentro dessas companhias passa a não possuir nenhum direito garantido no CLT, como férias remuneradas, trabalhar 8h por dia, possuir seguro desemprego e aposentadoria. Portanto, ele fica vulnerável diante dessas plataformas, pois caso aconteça algum acidente, assalto, ou assédio, o Airbnb (e as demais) não irão assumir responsabilidade alguma. Note que a Economia do Compartilhamento “promete ajudar prioritariamente indivíduos vulneráveis a tomar controle de suas vidas tornando-os microempresários.” (SLEE, 2017, p. 34)

Martoni (2019, p. 157) elucida os problemas das plataformas que:

Para os que não conhecem os mecanismos reprodutivos do capital, tal engenhoca de enaltecimento do “empreendedor individual” e do “consumo responsável” se expressa na ilusão da chamada “economia do compartilhamento”, a qual, na realidade, alimenta corporações que concentram e centralizam capitais às custas de estruturas e trabalho alheios (não raras vezes precário), ao mesmo tempo em que promovem o “inchaço”

dos bairros que contam com a maior parte das ofertas e o inflacionamento de imóveis para residentes, além dos serviços. Trata-se, no fim das contas, de uma ideologia que subverte, fragmenta e deturpa, mas ela é estratégica diante da impossibilidade – cada vez mais amplificada – de geração de empregos formais e com garantias mínimas nessa forma de sociabilidade.

O Airbnb, para quem nunca usou, é um espaço onde reúne vários imóveis que podem ser alugados para quem desejar. Podem ser imóveis onde a hospedagem será compartilhada com os moradores ou outros visitantes, ou será alugado um imóvel de maneira privativa.

Tom Slee (2017) retrata que a plataforma surgiu devido

o problema para alguns antigos estudantes de design era pagar os aluguéis exorbitantes em San Francisco. Em 2007, Brian Chesky e Joe Gebbia estavam buscando maneiras de fechar as contas no fim do mês quando uma conferência da indústria do design foi promovida na cidade. Eles compraram alguns colchões infláveis e oferecem acomodações a participantes que estavam procurando por um lugar barato. Choveram pedidos e eles se deram conta de que talvez existisse um mercado para esse tipo de coisa. (SLEE, 2017, p. 64)

É uma plataforma que teve um desenvolvimento muito grande quando comparado com outros serviços do setor. Como levantado, atualmente o valor de mercado do Airbnb “igualava-se ao da maior cadeia internacional de hotéis” (SLEE, 2017, p. 38) Em questão aos seus usuários, em 2011 a plataforma “tinha cinquenta mil inscritos; em 2012, o número havia mais que dobrado, para 120 mil; no final de 2013 era de 550 mil; na metade de 2015, 1,2 milhão, e em abril de 2017 eram três milhões, segundo o Airbnb.” (SLEE, 2017, p. 65) Para se ter uma noção,

Financeiramente, também, o Airbnb virou um ator principal: a companhia ainda é privada - não se trata de uma sociedade anônima com o capital aberto -, mas continua atraindo investidores. Seus US\$4,4 bilhões de financiamento correspondem a um valor de mercado estimado em US\$30 bilhões, comparável a gigantes da indústria hoteleira, como o Marriott International (US\$35 bilhões) e o Hilton (US\$20 bilhões). Os três fundadores da companhia não pelem mais para pagar o aluguel: **cada um deles é agora bilionário**. (SLEE, 2017, p. 65-66) (Grifos nossos)

O autor também relata que, enquanto a leitura do texto de 2017 acontece, estes dados, atualmente (2023), já seriam muito maiores, e de fato sucede pois, de acordo com o site Eu Quero Investir¹² “Segundo dados apurados em abril de 2023, a Airbnb tem hoje um valor de mercado de US\$ 73,21 bilhões.” Sendo assim, a

¹² Disponível em: <https://euqueroinvestir.com/investimento-no-externo/airbnb-abnb-airb34>

empresa deixou de ser algo pequeno, compartilhado e agora é uma startup que recebeu investimentos de bilionários, como o Jeff Bezos, o empresário da Amazon e também recebeu capital de risco do Vale do Silício.

Ainda ao pesquisar sobre a empresa, Tom Slee (2017) percebeu que ela estava sendo "econômica com a verdade", pois uma pesquisa feita em Nova York, após o procurador suspeitar que moradores estavam burlando uma lei que proíbe o aluguel de imóveis com prazo menor de 30 dias, e que hotéis ilegais estariam também aproveitando para utilizar o site. Então foi pedido para o Airbnb mostrar todos que ofertavam imóveis na plataforma, mas o Airbnb recusou-se a mostrar os dados e assim começou-se uma "briga".

Em um anúncio dizia que "87% de nossos anfitriões alugam a casa onde vivem" (SLEE, 2017, p. 74) o que foi confirmado em sua pesquisa, pois "87% dos anfitriões de fato oferecem apenas um lugar" (SLEE, 2017, p. 76) mas ao aprofundar os dados, o autor percebeu que "Entre 2013 e 2015, aqueles 13% de anfitriões com mais de um imóvel responderam por uma fatia substancial do negócio: nada menos que 40% de todos os imóveis e 43% das reservas." (SLEE, 2017, p. 76) Então, **"quase metade do negócio do Airbnb vem de anfitriões com vários imóveis"** (SLEE, 2017, p. 76) (Grifo nosso) Portanto, não se trata de pessoas que precisam de ajuda para pagar o aluguel, mas sim de pessoas que já possuem um poder aquisitivo alto, com vários imóveis e os colocam na plataforma. Então percebemos que, o que antes era para fazer uma "grana extra" no mês hoje tornou-se um mercado.

Além desta questão, Slee (2017) percebeu que 60% dos anúncios em Nova York eram de casas ou apartamentos inteiros, e apenas 3% representavam os quartos compartilhados. Em relação a sua receita, "Três em cada quatro dólares faturados pelo Airbnb vêm de imóveis inteiros, e apenas 1%, de quartos compartilhados" (SLEE, 2017, p. 77)

Slee (2017) diz que a Economia do Compartilhamento está remodelando as cidades e um dos exemplos, que não é um caso isolado, foi o que aconteceu em Portugal, em que "O crescimento da economia do turismo tem sido um dos grandes responsáveis pela atual recuperação de Portugal. A capital Lisboa, uma cidade com 500 mil habitantes, se tornou um disputado destino dos viajantes, registrando mais

de 5 milhões de pernoites só no primeiro semestre de 2017.” (ROLNIK, 2018). Portanto, nos moldes da economia capitalista, experimentou-se (e ainda experimenta) um crescimento significativo, mas que carrega uma diversidade de contradições, tais como a concessão de cidadanias pelo Estado a investidores imobiliários, o aumento das locações de curta temporada e o encarecimento exacerbado de imóveis e/ou de contratos anuais de aluguéis. Ao analisar o caso, pessoas estavam recebendo cidadania quando investiam em imóveis, alugando-os depois para turistas em plataformas digitais como o Airbnb. Com isso, locatários do centro de Lisboa estavam sendo despejados, para que os proprietários pudessem alugar seus imóveis para turistas. Segundo o jornal, 50% da população ali residente vivia de aluguel. Sendo assim, esse fenômeno atingia diretamente a população de baixa renda, formada pelos moradores tradicionais da área e que já estavam ali há muito tempo.

Diante dessa situação, o governo tentou desenvolver maneiras de amenizar o caos, fazendo com que os donos imobiliários tivessem isenção fiscal desde que os contratos fossem assinados por tempos mais longos e com aluguéis 20% abaixo do valor de mercado, mas essa atitude não foi tão eficiente. Destaca-se ainda no jornal, “mesmo num cenário de recuperação econômica, uma crise habitacional como não se via desde os anos 1970 na cidade, quando explodiram as favelas e assentamentos autoconstruídos nas periferias da cidade”. (ROLNIK, 2018)

Tom Slee, ao fazer sua pesquisa sobre a Economia do Compartilhamento, deixa claro em seu livro o poder crítico, que não são todos que visualizam de forma rápida. O que acredita-se ser algo benéfico, inofensivo e inovador para as cidades, moradores e comunidades, pode-se na realidade destruir relações que sempre existiram e agora são permeadas pelo dinheiro.

Torna-se importante ressaltar que

[...] companhias da Economia do Compartilhamento estão dando fortuna a seus investidores e executivos e criando bons empregos para seus engenheiros de programação e marqueteiros graças à remoção de proteção e garantias conquistadas após décadas de luta social, e graças à criação de formas de subemprego mais arriscadas e precárias para aqueles que de fato suam a camisa. (SLEE, 2017, p. 36)

Gostaria de evidenciar que

Os problemas não residem no participante individual buscando uma hospedagem nas férias ou um deslocamento pela cidade. O problema são

as companhias em si, e os grandes interesses financeiros que se valem dessas companhias para promover uma ampla agenda de desregulação em busca de riqueza privada. (SLEE, 2017, p. 40)

Esta demonstração sobre as novas tecnologias, e principalmente o capitalismo de plataforma, nos demonstra como dentro do neoliberalismo as empresas “lutam” para que as regulamentações para elas diminuam.

O CEO do Airbnb, Brian Chesky, expressa a confiança da empresa ao falar de regras municipais: “Elas são basicamente feitas para rastreamento. Para proteger consumidores. Bem, acontece que as cidades não podem rastrear tão bem quanto as tecnologias [...] **Nós pensamos que os governos deveriam existir como espaço para um último recurso**” (SLEE, 2017, p. 181) (Grifos nossos)

No mesmo sentido, Martoni (2019, p. 157) demonstra que “a corporação se desobriga de compromissos trabalhistas enquanto faz lobby político para dissolver legislações locais que porventura limitem locações por temporada”. Sendo assim, quem irá permear as lutas que vão atrás dos direitos dos consumidores, trabalhadores e demais comunidades que são afetadas pelas plataformas?

3.2. Análise geral da gestão do Parque Estadual da Serra do Papagaio

Para analisar a questão de visitação no Parque, foi utilizado a análise SWOT baseado em todo conhecimento adquirido via documentos e registros nas falas dos quatro entrevistados de Aiuruoca.

Tabela 2: Análise SWOT da gestão do Parque Estadual da Serra do Papagaio

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> - Ter atrativos naturais diversos; - A altitude média do parque é alta; - Os atrativos estão em vários municípios; - Estar próximo ao estado do Rio de Janeiro e São Paulo, dois 	<ul style="list-style-type: none"> - Não possuir portaria nas cidades o que dificulta muito as informações e controle geral do Parque; - Falta de sinalização para os atrativos e no parque de modo

<p>grandes emissores do turismo;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Possui muitos meios de hospedagens ao redor, nas quais são diversos, ampliando o atendimento a vários públicos; - Ter espécies ameaçadas de extinção; - É um grande campo de estudo; 	<p>geral.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pouca divulgação;
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> - Não fica refém da sazonalidade, já que no verão os turistas vão para cachoeiras e no inverno há uma maior concentração para trilhas, escaladas e acampamentos. - As cidades ao redor voltarem as divulgações para o Parque; - O Parque Nacional do Itatiaia ser vizinho; 	<ul style="list-style-type: none"> - O Parque Nacional do Itatiaia é vizinho do Parque; - Nativos das cidades que compõem o Parque e não são favoráveis deste. - Algumas rodovias em Minas Gerais são precárias; - O acesso se dar por estrada de terra, dificultado o acesso em períodos de chuvas e quando não há manutenção na estrada;

Fonte: elaboração da autora

Percebe-se que o Parque Estadual tem muitas forças que podem potencializar as oportunidades quando se tem uma boa gestão. O PESP possui atrativos naturais diversos, o que pode atrair turistas de maneira diversificada. Os campos, cachoeiras, picos e vales, atraem turistas que desejam acampar, fazer trilhas, escaladas e tomar banho de cachoeiras. Além disso, os vários estabelecimentos ao redor do Parque facilita a hospedagem e a alimentação, e as hospedagens por si só, podem ser uma oportunidade para o Parque, pois como relatado pela terceira entrevistada, todos que passam em seu Airbnb, são indicados para que visite-o.

A falta de portaria e sinalização para o Parque e dentro dele potencializa suas ameaças tendo em vista que o acesso por Aiuruoca se dá em estrada não pavimentada, portanto em período de chuvas a lama pode atrapalhar e no tempo da seca, a poeira também pode ser um empecilho. O Parque Nacional do Itatiaia estar próximo, ser um parque Nacional com o reconhecimento que tem, pode atrair turistas até ele, já que essas fraquezas podem ser um impedimento para a visita do PESP e da mesma maneira pode ser uma oportunidade, já que ao chegar no Itatiaia o turista fica sabendo do Parque Estadual da Serra do Papagaio e pode ficar interessado em conhecer.

Apesar do PESP estar localizado em cinco cidades, ainda é uma fraqueza suas cidades divulgarem pouco e se todas fizessem a divulgação, sem dúvidas seria uma oportunidade já que turistas de cinco cidades seriam atraídos.

Portanto, vemos que o Parque Estadual da Serra do Papagaio possui um grande potencial turístico e científico mas que poderia ser potencializado e ter melhores condições de atendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Parque Estadual da Serra do Papagaio, é benéfico a todos entrevistados, e ainda como citado, é uma das maiores atrações de Aiuruoca, já que seu símbolo maior está no Parque e nas áreas limítrofes à UC no município.

Ainda que seja uma pequena amostra abordada neste trabalho, fica evidente que apesar de serem a favor da UC, a falta de informações sobre o Parque para a comunidade local, trata-se de um ponto negativo. Em um município em que atear fogo é “tradição”, não basta criar uma lei estadual dizendo que não se pode mais ou até mesmo não ter-se conhecimento das áreas limites do Parque.

Diante do objetivo do trabalho, conclui-se que a relação entre moradores entrevistados no entorno do Parque é favorável ao turismo; não demonstraram insatisfação com a quantidade de turistas que frequentam os locais, muito pelo contrário, parecem estar bem abertos a essa relação.

Fica perceptível que o Parque demonstra uma sensação de afastamento para com a população, algo como “foi criado e está lá”, devido à falta de informações com quem já estava ali anteriormente, e atualmente para a juventude, como a falta de manutenção e sinalização dentro do Parque.

De modo geral, é notório a dificuldade em obter-se números de estabelecimentos turísticos na cidade. Um dos motivos é por não existir um único site com todas as informações e para além disso, existem vários segmentos dentro dos meios de hospedagem, o que dificulta dizer que em Aiuruoca existe um número “X” de pousadas.

Apesar de muitos pesquisadores apresentarem dificuldades para estabelecer comunicação com os entrevistados, a presente pesquisadora é muito grata. Acreditando, por motivos ser uma pessoa do local, todos os entrevistados foram muito solícitos e receptivos, onde a dificuldade encontrada foi para manter contato com o Instituto Estadual Federal, pois, nas primeiras conversas houve um retorno muito positivo e rápido mas posteriormente nenhum email mais foi respondido ou atendido o telefonema. Outra questão, são para entrevistar locadores de curta temporada no Airbnb. Como em Aiuruoca “todos se conhecem”, conseguir o contato

não foi tão difícil, mas se dependesse somente do Airbnb seria bem mais trabalhoso já que a plataforma não possibilita encontrar informações diretamente, como telefone e localização.

Como proposta futura, existem muitas coisas que podem ser retratadas em estudos, pois é demonstrado que o turismo é algo recente e ainda assim, teve um aumento muito significativo de investimentos na área. Assim, pode ser investigado a percepção de um forasteiro que comprou terras e atualmente trabalha com turismo na região, algo que não foi possível neste trabalho.

A pesquisa aponta para a necessidade de se investigar, mais a fundo e em pesquisas futuras, como se estabeleceu a Estação Ecológica e posteriormente Parque Estadual para os moradores do entorno. Se houve uma comunicação e trabalho com esses atores ou se simplesmente foi algo imposto. Também podem ser feitas pesquisas nos outros municípios que compõem o território do Parque.

Sabemos que somente com a participação e interesse da população é que podemos firmar um turismo consolidado, que gere mais impactos positivos do que negativos em seus autóctones. Que a região da Mantiqueira cresça, se devolva e principalmente mantenha o carisma e amor com visitantes e locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Airbnb. **Eu quero investir**. Disponível em: <https://euqueroinvestir.com/investimento-no-exterior/airbnb-abnb-airb34> Acesso em: 20 de jun. de 2023

Aiuruoca – Onde fica, atrativos turísticos, pousadas e dicas!. **TransPortal**: o portal de transportes e turismo do Brasil. Disponível em: [Aiuruoca – Onde fica, atrativos, pousadas e dicas! \(transportal.com.br\)](http://aiuruoca.com.br) Acesso em: 22 de jul. de 2023

Bedim, B.P., Campos, C.F.; Vidal, T.C. Equipamentos turísticos do Parque Estadual do Itacolomi (MG): análise das instalações e dos atrativos construídos. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.3, n.2, 2010, pp.283-314.

BEDIM, B.P. O espaço capitalista da natureza e seu (contra) uso turístico: a dialética da visitação pública em áreas naturais protegidas – um ensaio teórico. **Caderno de Turismo**, Rio de Janeiro, (IVT-UFRJ), v. 7, n. 3, p.75-89, 2007.

BEDIM, B.P. **O Processo de Intervenção Social do Turismo na Serra de Ibitipoca (MG): Simultâneo e Desigual, Dilema Camponês no “Paraíso do Capital”**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 410, 2008.

BEDIM, Bruno; PAULA, Heber. "Relatos visitados": história oral e pesquisa em turismo e hospitalidade. Considerações teórico-metodológicas. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 7, 2007, n. 1, p. 63-77.

BENTO, Lilian Carla Moreira; RODRIGUES, Sílvio Carlos. Geoturismo em unidades de conservação: uma nova tendência ou uma necessidade real? –estado da arte. *Revista do Departamento de Geografia*, v. 25, p. 77-97, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III, e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no Século XX**. Tradução de Nathanael Caixeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980

Igreja Matriz de Aiuruoca. **Aiuruoca Minas**. Aiuruoca, fev. de 2015. Disponível em: <https://www.aiuruocaminas.com.br/un-portfolio/igreja-matriz-de-aiuruoca> Acesso em: 22 de jul. de 2023

MACHADO, Simone, ALVES, Kerley. **O turismo em Ouro Preto - Minas Gerais, Brasil - na perspectiva dos moradores**. Ouro Preto, Minas Gerais, 2006.

MARTONI, Rodrigo M. **Turismo & Capital**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.

MOESCH, Marutschka M. **A Produção do Saber Turístico**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos de identidade. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.3, p.109-116, jun.2000.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia Política: Uma Introdução Crítica**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Nossos Bairros. **Prefeitura Municipal de Aiuruoca**. Disponível em: https://aiuruoca.mg.gov.br/pagina/17_Nossos-Bairros.html Acesso em: 5 de maio de 2023.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011.

O Sul de Minas. **Genealogia dos Lemes**. Disponível em: [O Sul de Minas na história das Gerais – Genealogia dos Lemes \(wordpress.com\)](https://www.wordpress.com) Acesso em: 02 de ago. de 2023

OURIQUES, Helton R. **A Produção do Turismo: Fetichismo e Dependência**. 1ª ed. Campinas: Alínea, 2005

PERDIGÃO, P. **A ideologia da sustentabilidade nos marcos do capitalismo e seus desdobramentos no campo de estudos do turismo**. Monografia (Bacharelado em Turismo) - Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, p. 59, 2019.

POMAR, L. **A Comunidade da Reserva Matutu: A história da migração ao Vale do Matutu a partir dos anos 80**. Monografia (Licenciatura em História) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Resende, p. 135, 2016.

RODRIGUES, C. **O uso público nos parques nacionais: a relação entre as esferas pública e privada na apropriação da biodiversidade**. Tese de Doutorado - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, p. 358, 2009.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

Tendências do turismo. **TRVL Lab**. Disponível em: [Home - \(trvl.com.br\)](https://trvl.com.br) Acesso em: 24 de jul. de 2023

APÊNDICE

Apêndice 1: Questionário da entrevista oral para proprietários dos meios de hospedagem

1. Você é daqui de Aiuruoca?
2. Desde quando existe a pousada/o camping/airbnb e como se deu a ideia de montar um meio de hospedagem?
3. Qual a sua trajetória em relação ao turismo?
4. Qual a sua visão sobre o Parque Estadual da Serra do Papagaio?
5. A existência do Parque, ao seu ver, é benéfico para Aiuruoca?
6. Limítrofe ao parque? () Sim () Não
7. Acesso à terra se deu por: () herança () compra () outro
8. A propriedade, após a aquisição: () aumentou () diminuiu
9. Já quiseram comprar suas terras? Se sim, sabe qual seria a finalidade?
10. Potencialidades para o turismo: Acesso à propriedade () Bom () Ruim () Regular
11. Distância entre a propriedade e o acesso ao parque:
12. Atrativos turísticos ao redor:
13. Relate o que mudou nos últimos anos em relação ao turismo em Aiuruoca:
14. Descreva o perfil de turistas que frequentam o seu estabelecimento e qual o tempo médio de permanência/diárias:
15. Geralmente, qual a taxa de ocupação?
16. Geralmente os seus hóspedes visitam o parque?
17. Em relação ao período de pandemia, como foi? Quais dificuldades enfrentou ?
18. O que mudou após a pandemia?
19. Em relação à sazonalidade, como você lida com ela?
20. Tem alguma coisa que você gostaria de retratar, sobre a influência do Parque na sua vida/ no seu empreendimento?
21. O que você tem a dizer em relação a preocupações com o futuro da sua propriedade ou com o turismo em Aiuruoca?

Gênero do entrevistado(a):

Idade:

Escolaridade:

Renda:

Apêndice 2: Perguntas para o Secretário da Secretaria Municipal de Econômico, Social, Ambiental e de Turismo

- 1) Quais são suas considerações sobre o turismo em Aiuruoca?
- 2) Como é a relação da Prefeitura com o Parque Estadual da Serra do Papagaio?
- 3) Qual é a importância do Parque para o turismo em Aiuruoca?
- 4) Você acredita que a falta de uma portaria, influencia/impacta na visitação?
- 5) Você sabe como se deu a criação do parque em Aiuruoca?
- 6) Você saberia me dizer se o nascimento de crianças em casa, era costume nas zonas rurais?

Apêndice 3: Termos de Consentimento

Termo de Consentimento 1: Denildo Tadeu dos Santos – Proprietário da pousada Canto das Bromélias

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO DEPARTAMENTO DE TURISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Responsáveis: **Patrícia Siqueira Nogueira**
Bruno Pereira Bedim

Este é um convite especial para você participar voluntariamente do Trabalho de Conclusão para Bacharel em Turismo: **A INTERDEPENDÊNCIA DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM DE AIURUOCA-MG E O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO PAPAGAIO**. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar do estudo. Qualquer dúvida pode ser esclarecida diretamente com a pesquisadora Patrícia Siqueira Nogueira (Fone: 31 999957334).

OBJETIVO E BENEFÍCIOS DO ESTUDO

Este estudo tem como objetivo compreender a relação existente entre Parque Estadual da Serra do Papagaio e os empreendimentos de meio de hospedagens no seu entorno. Sua participação é muito relevante, tendo em vista que ainda não possuímos referencial teórico nesta localidade sobre o assunto, o que irá contribuir não apenas para a pesquisadora concluir o seu trabalho, mas também para futuros pesquisadores.

PROCEDIMENTOS

A coleta de dados serão feitas em dias marcados para uma entrevista, na qual já possuem perguntas para ter um melhor direcionamento e fazer com que os objetivos sejam cumpridos. Assim, a pesquisadora, irá fazer uma gravação de áudio para que no momento da transcrição seja preservado a forma mais próxima que o entrevistado relatou. Quanto ao tempo de pesquisa, pode variar pois o entrevistado é livre para fazer suas considerações.

DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO

Todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa *são isentos de custos*.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A sua participação neste estudo é *voluntária* e ele (a) terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo para ele (a).

Diante do exposto acima eu, Denildo Tadeu dos Santos, declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Participo de livre e espontânea vontade do estudo em questão. Foi-me assegurado o direito de abandonar o estudo a qualquer momento, se eu assim o desejar. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos nesse projeto (ou seja, os pesquisadores desse projeto não podem me prejudicar de modo algum no trabalho ou nos estudos), não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Aiuruoca, 08 de Agosto de 2023.

Responsável

Patrícia S. Nogueira
Pesquisador

Termo de Consentimento 2: Gilberto Furriel - Secretário de Desenvolvimento Econômico, Social, Ambiental e Turismo.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Responsáveis: **Patrícia Siqueira Nogueira**
Bruno Pereira Bedim

Este é um convite especial para você participar voluntariamente do Trabalho de Conclusão para Bacharel em Turismo: **A INTERDEPENDÊNCIA DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM DE AIURUOCA-MG E O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO PAPAGAIO**. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar do estudo. Qualquer dúvida pode ser esclarecida diretamente com a pesquisadora Patrícia Siqueira Nogueira (Fone: 31 999957334).

OBJETIVO E BENEFÍCIOS DO ESTUDO

Este estudo tem como objetivo compreender a relação existente entre Parque Estadual da Serra do Papagaio e os empreendimentos de meio de hospedagens no seu entorno. Sua participação é muito relevante, tendo em vista que ainda não possuímos referencial teórico nesta localidade sobre o assunto, o que irá contribuir não apenas para a pesquisadora concluir o seu trabalho, mas também para futuros pesquisadores.

PROCEDIMENTOS

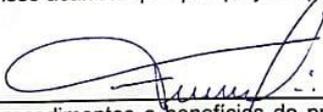
A coleta de dados serão feitas em dias marcados para uma entrevista, na qual já possuem perguntas para ter um melhor direcionamento e fazer com que os objetivos sejam cumpridos. Assim, a pesquisadora, irá fazer uma gravação de áudio para que no momento da transcrição seja preservado a forma mais próxima que o entrevistado relatou. Quanto ao tempo de pesquisa, pode variar pois o entrevistado é livre para fazer suas considerações.

DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO

Todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa *são isentos de custos*.

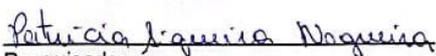
PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A sua participação neste estudo é *voluntária* e ele (a) terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo para ele (a).

Diante do exposto acima eu,  declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Participo de livre e espontânea vontade do estudo em questão. Foi-me assegurado o direito de abandonar o estudo a qualquer momento, se eu assim o desejar. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos nesse projeto (ou seja, os pesquisadores desse projeto não podem me prejudicar de modo algum no trabalho ou nos estudos), não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Aiuruoca, 10 de Agosto de 2023.

Responsável


Pesquisador